

**Solange Enoi Melo de Resende**

**O DRAMA DAS GROTTAS:  
VIOLÊNCIA E O COTIDIANO  
NO JACINTINHO**

**Dissertação de Graduação em Ciências Sociais**

**Maceió – Alagoas**

**2001**

# INTRODUÇÃO

A violência urbana vem sendo apontada como um dos grandes problemas enfrentados pela sociedade nos tempos atuais, espalhando-se por todas as cidades do país; violência que se dá de forma intensa nos chamados bairros de periferia. Sendo assim, torna-se de fundamental importância a verificação das causas que levam os habitantes desses lugares a conviver num cotidiano violento. O presente trabalho tem como objetivo focalizar o dia a dia da violência no Jacintinho, expondo um caso particular, que pode ser entendido, inclusive, como exemplo do que se pode encontrar nos centros urbanos do país. O bairro foi escolhido por representar um dos pontos de formação de bolsões de miséria, tendo surgido com o processo de “inchação” da cidade.

Por cotidiano, estamos entendendo o que o próprio senso comum indica. Essa perspectiva é suficiente para nos possibilitar discutir e levantar o que desejamos no corpo do trabalho, embora saibamos que ela comporta extensa discussão teórica.<sup>1</sup> O senso comum o indica como dia a dia, sucessão de acontecimentos; e é esta sucessão o que nos interessa, pelo fato de estar ressaltada na fala do povo, na fala do local.

É um cotidiano, esse, em que a marca da desigualdade no sistema funda as suas relações sociais, embora não se esgote nessa perspectiva, pois, como diz Velho:

*Sustento que uma das variáveis fundamentais para se compreender a crescente violência da sociedade brasileira é não apenas a desigualdade social, mas o fato de esta ser acompanhada de um esvaziamento de conteúdos culturais, particularmente os éticos, no sistema de relações sociais. (1998: 15-16).*

Para o entendimento desse cotidiano de violência instalado no Jacintinho, buscamos trabalhar com métodos quantitativos e qualitativos. Para os do primeiro tipo, trabalhamos a questão estatística na investigação do grau de percepção da criminalidade e as prováveis medidas de segurança tomadas pela população. Aplicamos 212 questionários aleatoriamente.<sup>2</sup> Os resultados são explorados em tabelas no capítulo 4. Para os do segundo tipo, trabalhamos com o método de história oral, com a aplicação de vinte e quatro entrevistas com os próprios moradores e principais conhecedores da área. Dez dessas entrevistas tinham o intuito de trabalhar a formação do bairro, resultando num texto historiográfico que permitiu ter parte da história do bairro através da fala do povo. O resultado está exposto nos capítulos 2 e 3. As catorze restantes tiveram o intuito de descobrir os lugares considerados mais violentos pela população do Jacintinho e o dia a dia desses locais. O capítulo 5 expõe esses resultados, complementando-os com algumas passagens

---

<sup>1</sup> Cf CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. “O Conhecimento da Vida Cotidiana: Base Necessária à Prática Social”. In CARVALHO, Maria do Carmo Brant & NETTO, J.P. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: 2000, p. 14.

<sup>2</sup> Amostra calculada com base em 95% de fidedignidade e erro de 5% sobre a população, com base na dicotomização por sexo.

das entrevistas iniciais (as dez primeiras), mostrando que o tema da violência inevitavelmente aparecia nas conversas com o povo, mesmo quando não era o centro das entrevistas, as quais foram transcritas integralmente, conservando a linguagem do entrevistado, com a intenção de manterem o máximo de fidelidade ao relato. Os nomes dos entrevistados foram mudados para que não possa haver algum prejuízo aos informantes.

Este trabalho tende a caracterizar a crescente onda de violência instalada nas grandes cidades como um fenômeno típico da evolução da sociedade rumo ao Sistema Capitalista. Com base no avanço tecnológico, o Capitalismo produziu uma série de transformações: abriu caminho para o desenvolvimento econômico, com maior produtividade em um espaço de tempo menor, e produziu, também, o alargamento da miséria, com parte da população sem emprego e renda.

Baseando-se na concepção de Marx, tem-se que o Capitalismo interferiu também, como não poderia deixar de ser, na divisão social em classes. A divisão comumente feita é entre os que detêm os meios de produção (burguesia) e os que trabalham (operários). Esse sistema não absorveu todo o contingente de pessoas que não possuíam os meios de produção para o trabalho, surgindo assim o exército de reserva.

O desemprego é sentido, inicialmente, nas áreas rurais, levando boa parte da sua população a buscar alternativas nos centros urbanos. No quadro alagoano, há uma descapitalização dos municípios do interior, provocando o deslocamento de várias pessoas para Maceió. À medida que aumenta a crise, acelera-se a torneira do fluxo migratório. Nesse período, ocorre uma “inchação” da capital de Alagoas e, conseqüentemente, uma reduzida absorção da mão-de-obra. Dá-se então a formação de do já citado exército de reserva, formando os grupos conhecidos atualmente e que passam a desenvolver estratégias de sobrevivência: os que vivem do trabalho informal, realizando venda não constituída de acordo com as leis vigentes na sociedade, não recolhendo imposto e não possuindo trabalho assalariado. Outro grupo é formado pelos que se encontram sem ocupação, os chamados desempregados. E por fim uma parcela da população que optou pela economia ilegal.

O alargamento da pobreza tem levado à formação de grandes bolsões de miséria, obrigando seus moradores a conviver com um cotidiano de violência. Isso não significa dizer que todos os que moram nesses locais são violentos, e sim que são obrigados a conviver com várias formas de violência, como o homicídio, roubo, estupro, briga de gangue, tráfico de droga.

Ciente dessa situação, a população vem desenvolvendo esquemas de proteção contra o crime. Nesse ponto, insinua-se o que vamos chamar de uma “segurança alternativa”, que é constituída em face dos baixos serviços e eficiência dos organismos de segurança pública pertencentes à estrutura do Estado. Essa proteção não consiste em meios sofisticados de prevenção, mas se dá no próprio cotidiano de violência, já que nos bairros de periferia esta não pode ser cercada.

Ainda nesta introdução, desejamos nos referir à construção do texto: a escrita deve adequar-se aos fatos. Escolhemos o caminho de manter a interpenetração de temas em tópicos, com a precisa intenção de acentuar o tom dramático. Assim, no texto, haveria a acumulação de informes, acentuando a carga dramática que encontramos no povo.

# CAPÍTULO 1

## UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A URBANIZAÇÃO DE MACEIÓ

### *Dados sobre a urbanização de Maceió*

A expansão do sistema capitalista significou, dentre outros pontos, a montagem de um modelo de desenvolvimento enfatizado na produção industrial-urbana. Considera-se que, no Brasil, o processo de industrialização iniciou-se na década de 30, acelerando-se na segunda metade do século XX<sup>3</sup>. Nesse período, algumas cidades se fortaleceram como centros industriais e comerciais. Essa contingência da produção provocou a saída de parcela da população do meio rural, afetando os centros urbanos que funcionaram como pólos de atração. No decorrer desse processo, o setor produtivo de Alagoas entrou em crise, principalmente, com a decadência da monocultura da cana-de-açúcar, provocando o fechamento de várias usinas. No entanto, apesar dessa acentuada crise, o Governo não aplicou uma política de desenvolvimento capaz de estimular a diversificação da produção. Em consequência, várias pessoas foram afastadas dos seus postos de trabalho, o que, sem dúvida, aumentou o fluxo migratório.

O quadro de desocupados, em sua maioria constituído por trabalhadores rurais, ampliou-se com a introdução da tecnologia, mesmo sendo baixa sua implementação em Alagoas. O avanço tecnológico serviu para substituir homens por máquinas, que garantem maior produtividade e, também, fomenta a concentração da propriedade fundiária. De acordo com trabalho publicado por Fernando de Lira (1998: 107), extraindo dados do IBGE de 1985, o estado possui Índice de Gini, relativo à distribuição de posse de Terra, configurado em 0,83. Segundo o autor, 67% da área total está nas mãos de 5% dos estabelecimentos maiores. Para efeito de comparação, entenda-se o Índice de Gini como medida de concentração, com uma variação entre 0,00 e 1,00. Quanto mais o resultado se aproxima de um, mais o indicador aponta para a concentração.

Para completar esta breve visão sobre o quadro alagoano, deve ser considerado que os municípios contam com uma deficiente prestação de serviços sociais básicos como educação e saúde. Veja a consequência dessa crise através da exposição de Lira (1998:57).

*Essa crise, que já dura mais de quinze anos, tem provocado uma grande descapitalização dos produtores, aumentando muito o número de desempregados, baixando o nível de renda e levando as microrregiões a sofrer um rápido processo de estagnação e pauperização.*

---

<sup>3</sup> “Assim, desde a Primeira Guerra Mundial, e principalmente a partir de 1930, a indústria passou a ser a atividade econômica mais dinâmica, atraindo o maior volume de capitais e de mão-de-obra. A economia global do país crescia porque a indústria estava em expansão, enquanto a agricultura permanecia quase estagnada. E isso caracterizou o início da fase industrial brasileira, embora só em 1956 o valor da produção industrial do país tenha ultrapassado o da agropecuária” (Argemiro J. Brum-p.214)

A desorganização agrária, a falta de oportunidades e outros fatores que não cabe detalhar, conforme já nos referimos, tem levado ao deslocamento de grandes contingentes populacionais do interior para centros urbanos. A maior parte dos deslocamentos no Estado vai para Maceió, o maior centro urbano de Alagoas, agravando os problemas da capital. Em consonância com esses argumentos, diz Lira (1998:48):

*A crise urbana que Alagoas vem enfrentando é consequência não só do processo de urbanização implantado no país, como também do desemprego estrutural existente. A falta de oportunidade de emprego vem levando um enorme contingente de pessoas a se deslocar das zonas rurais e das pequenas cidades em direção aos grandes centros urbanos da região.*

Maceió é o principal pólo urbano e isso determina sua expressão no contexto estadual em termos administrativos, econômicos e sociais. Possui as sedes das repartições públicas, oferece a maioria dos serviços de saúde e educação, desempenha a função de centro administrativo, comercial, bancário, portuário e industrial, enquanto nos demais municípios do Estado predominam o setor primário da economia.

O elevado processo migratório para a capital de Alagoas desencadeia o fenômeno da “inchação”, desequilibrando o quadro urbano. A cidade não possui recursos para comportar a corrente que se desloca do interior em busca de oportunidades. É grande a disparidade entre o número de pessoas que entram em Maceió e a oferta de emprego. Consequentemente, há a formação de grandes bolsões de miséria, gerando-se uma circunstância do tipo comentada por Guimarães sobre a situação brasileira:

*A situação das classes pobres começa a agravar-se, a partir dos grandes aglomerados urbanos, onde se formam, ou crescem de proporção, os cinturões de miséria, que ocupam a periferia dos centros mais povoados e depois se reproduzem também nos centros menos povoados. O desequilíbrio entre o crescimento urbano e a disponibilidade de recursos e equipamentos sociais se reflete nos baixos padrões de habitabilidade, de saúde, de conforto, cujos níveis não cessam de cair. (1982:157).*

Maceió conta com o maior parque industrial diversificado do Estado. Criado na década de 60, o Distrito Industrial Major Luís Cavalcante surgiu para comportar essas indústrias. O processo de industrialização no Nordeste, especialmente em Alagoas, deu-se de forma lenta, na medida em que se intensificava a concentração industrial no sul do Brasil. Poucas fábricas foram instaladas em Maceió, o que não se harmonizava com a quantidade de braços disponíveis para o trabalho. Além do mais, várias empresas entraram em processo de decadência, após o seu já baixo desempenho, como, por exemplo, as indústrias têxtil, metalúrgica, mecânica e química. As empresas falidas não eram substituídas, não havia uma rotatividade.

Sem oportunidades na indústria e sem expansão necessária nos serviços, verificou-se intensa pressão da mão-de-obra sobre os serviços municipais, estaduais e federais. O setor público tornou-se o principal empregador formal. A partir de 90 cessou a fonte de emprego com a crise fiscal e PDVs. As

atividades formais não foram capazes de absorver toda a mão-de-obra disponível, agravando-se o quadro com o período de demissões que ocorreram tanto no setor público quanto no setor privado. Surgiu com isso um crescimento no setor informal que condizia com precarização do trabalho e baixa remuneração. Esses argumentos são reforçados através dos argumentos de Lira:

*Uma grande fração da população que vive nas cidades, não encontrando ocupação formal na indústria e no setor de serviços, vai ocupar-se informalmente em atividades marginais, sem expressão econômica e de baixa produtividade, pois, na sua luta desesperada para sobreviver, aceita qualquer tipo de ocupação ou procura criar as suas próprias oportunidades de trabalho, ocupando-se como biscateiro, vendedores ambulantes, vigias, agregados, serviçais etc. (1998:95).*

### ***Um pouco sobre a formação de áreas pobres***

Com a desorganização produtiva na área rural e principalmente a partir da década de 50, Maceió acolheu um número expressivo de pessoas vindas do interior de Alagoas em busca de oportunidades que lhe foram negadas no campo. Essas pessoas, de baixa renda, foram inicialmente se distribuindo nos bairros da Levada, Ponta Grossa e Vergel. Esses locais eram desprezados pelos ricos devido à existência de mangues, canais, terrenos de solo turfoso e alagadiço que não favoreciam a edificações. Além do mais havia neles o risco constante de enchentes. Como a busca por esses locais era pequena, a compra de terrenos não favorecia grandes investimentos. Sobre essas questões, queremos colocar em evidência o seguinte texto de Normande:

*As condições naturais do sítio geográfico podem ter contribuído para o desprezo da burguesia na preferência enquanto local de moradia. Foi para lá que se deslocaram aqueles que não tinham opção de escolha as outras áreas mais privilegiadas da cidade. Por outro lado, os núcleos iniciais de povoamento foram favorecidos pela proximidade com a Lagoa Mundaú, que além de facilitar a comunicação e o transporte por via lacustre, possibilitava uma fonte de sobrevivência alternativa para a população de baixa renda, através da prática da pesca, da extração do sururu e da exploração da madeira abundante nos mangues da região. (2000:81)*

A Orla Marítima inicialmente era pouco habitada, com algumas residências de pescadores. Aos poucos, ela foi sendo invadida por casas de veraneio. Na década de 60, ela se consagrou como bairro residencial, inicialmente na Pajuçara e estendendo-se aos poucos por toda a orla. A expansão ocorreu quando constatou-se o potencial turístico de Maceió, favorecendo toda a urbanização e valorização do lugar, para onde se deslocaram os mais endinheirados. Ainda segundo Normande:

*Neste recorte, o espaço tem sido, ao longo do tempo, por sua proximidade com o mar, determinante no que se refere à definição de uma vocação econômica que tem mudado a feição da cidade nos últimos anos: o turismo. (2000: 68)*

À medida que a urbanização se estendia na parte baixa da cidade, o local se valorizava; as casas humildes que existiam na Orla Marítima foram sendo substituídas por outras melhores. Enquanto isso as pessoas de menores rendas foram se deslocando para locais distantes do centro, levando à criação de bairros precários. Esse processo se expandiu com o aumento cada vez maior do número de pessoas que vinha do interior de Alagoas ou de outros Estados em busca de oportunidades. Disso resultou a ocupação desordenada do solo, criando-se para a massa da pobreza um espaço específico: a periferia, que pode ser vista como a pobreza em espaços às vezes distantes da área central, às vezes perto dessa mesma área, favelização gerada pela desordem ocupacional. Como argumenta Normande:

Nos anos 60, verifica-se em Maceió um grande crescimento populacional – 56,9% em dez anos -, à medida em que a cidade é “inchada” em face das distorções agrárias provocadoras de intensa migração. A população que migra busca alternativas de moradias e instala-se tanto nas áreas periféricas como em áreas já incorporadas ao cotidiano urbano, mais marginais em termos físicos... (2000: 100)

Não se deseja afirmar aqui que todos os problemas encontrados nessas periferias se dão por causa da migração; na verdade, decorrem do direcionamento que se vai dando à urbanização, como explica Normande:

*Sendo o comércio, do ponto de vista dominante, o caminho e a atividade a ser consolidada, é de se esperar que as ações e as determinações no âmbito da construção da malha urbana e de sua infra-estrutura física, tenham ocorrido quase sempre no sentido de fortalecer e beneficiar os setores a ele vinculados e as áreas da cidade que o favoreciam. (2000:37)*

As cidades possuem em sua dinâmica o que se chama de segregação espacial, que vai definindo de que forma a população será distribuída. Um dos instrumentos utilizados para isso é a habitação. Fundado em relações capitalistas, o sistema habitacional constrói, para aqueles que podem pagar o jogo especulativo do mercado, moradias adequadas nas áreas valorizadas. Resta à população de baixa renda ocupar as áreas rejeitadas por esse comércio.

Com isso, estende-se a formação de locais precários, com déficits nos serviços sociais básicos, nos serviços urbanos etc. Nas condições em que se encontra Alagoas, com elevado número de desemprego e subemprego, com baixa remuneração dos que ainda conseguem se instalar no mercado de trabalho e com elevado êxodo rural para sua capital, a tendência é a ampliação de bairros e moradias cuja precariedade aumenta o processo de favelização. É o que reforça o trabalho de Lira:

*Diante da crise que vem passando o país e, muito particularmente Alagoas, as cidades alagoanas e brasileiras não podem mais continuar acolhendo o grande contingente de migrantes*

*que afluem, agravando os problemas urbanos e aumentando o cinturão de miséria das favelas em todo o país e também em Alagoas. (1998:68)*

Maceió apresenta crescimento populacional de 2,86% ao ano. É o segundo maior do Brasil, de acordo com matéria veiculada no Jornal Gazeta de Alagoas.<sup>4</sup> Extraíndo dados do IBGE, a matéria afirma que existem 400 mil desempregados na cidade, isso levando em consideração que a Fundação não inclui entre os desocupados aqueles que se integram na informalidade. Por causa desse índice de desemprego, como consequência grande parte das periferias vive abaixo da linha de pobreza. Bairros como Vergel e Trapiche possuem 50% da sua população vivendo nessas condições. Em locais como Jacintinho, Barro Duro, Serraria, Feitosa, Bom Parto e Rio Novo esse quadro salta para 65%.

É nesse contexto de favelização e pauperização que se encontra o local específico de nosso trabalho: o bairro do Jacintinho. Nesse contexto, portanto, focalizaremos a violência, verificando-a no cotidiano da área. Por cotidiano, estamos utilizando a mesma indicação que o senso comum enuncia: o desenrolar do dia a dia.

## **CAPÍTULO 2**

### **UM POUCO SOBRE O JACINTINHO**

#### ***Introdução***

Nada existe escrito em profundidade sobre a área do Jacintinho e isso nos obrigou a irmos em busca da memória local para sabermos um pouco sobre a formação do bairro. Então, realizamos entrevistas junto a moradores antigos, enfocando, dentre outras questões, como se deu o desenvolvimento da área que se tornou uma das mais populosas de Maceió, verificando o surgimento das casas, da feira, do comércio e a entrada de serviços sociais básicos como: água, luz, transporte, saúde, educação. etc. Enfim, estivemos em busca da construção do bairro. Infelizmente, e isto é compreensível, houve dificuldades em datar o aparecimento desses itens, revelando que a memória coletiva local tende a não resguardar datas, mas acontecimentos. (Ver Mapa 1, à página 19. Fonte: Secretária do Planejamento do Município de Maceió).

#### ***Um pouco da história e a idéia da marginalização***

Conta-se que um sítio, de propriedade de um senhor chamado Jacinto, deu origem ao bairro. O nome do proprietário teria gerado o nome do lugar. Esse fato não foi contemporâneo dos entrevistados, apenas três comentaram que ouviram falar sobre o assunto. O bairro, desde a sua origem, tem a maioria de sua população composta de pessoas vindas do interior, como afirma o depoimento de Carlos:

---

<sup>4</sup> Gazeta de Alagoas, Caderno A. 29 de agosto, 1998. p. 21.

*O pessoal saiu tudo do interior e vieram para o Jacintinho*

Essa informação é dada na maior parte das entrevistas, o que valida a tese de crescimento urbano e inchação em Maceió. Como local de moradia, restava a essas pessoas os bairros humildes e, portanto, dentro do entendimento que demos ao termo, a periferia. Outro grupo a somar-se ao quadro da população é aquele que residia na parte baixa da cidade e que teve de se retirar com a chegada do “progresso”. Nesses locais de partida, aqueles de menores recursos recuaram para que tomassem lugar os mais abastados, como afirma Fábio (depoimento à página 20):

### **Mapa 1. - Mapa da região do Jacintinho**



*Quando vai chegando uma classe média para a alta o pobre vai recuando. Na Ponta da Terra foi enchendo, a praia foi toda asfaltada e hoje está aquela beleza pura ali, quase nenhum pobre mora ali na Ponta da Terra.*

Nessa época, o Jacintinho apresentava facilidades na obtenção de terrenos. Cercado por mato, sem água, luz, transporte coletivo estruturado, com acesso extremamente difícil, ninguém queria morar no lugar. Isso condiz com a situação financeira dos que iam morar na área, o que levou, por exemplo, a mãe de Carla a comprar uma casa: “O dinheiro dela era pouco, só deu para comprar aqui”. Os terrenos eram vendidos a baixo preço ou mesmo invadidos. E como decorrência das condições financeiras daqueles que se instalavam no bairro, as casas iam sendo construídas de forma precária, na maioria, de taipa. Segundo Fábio, as primeiras habitações caracterizavam o bairro como o que ele chama de uma favela. Aliás, o Jacintinho era conhecido por favela. A falta de serviços sociais básicos, o excesso de mato que cercava o bairro, e principalmente o acesso difícil, realizado por uma ladeira de pedra que começava na antiga Legião da Boa Vontade, onde nenhum carro queria subir por causa da quantidade de buracos existentes, favoreciam a discriminação do bairro. Osman afirma que os moradores sentiam vergonha de morar no Jacintinho.

Como a única forma de locomoção era andar a pé, os habitantes sentiam muitas dificuldades de deslocamento nas horas de necessidades, como se verifica no depoimento abaixo de Osman:

*Eu trabalhava no saneamento de esgoto, saía daqui de pé porque não tinha transporte nem dinheiro para pagar. Nenhum taxista queria vim por aqui, eles diziam: “Vou nada, Deus me livre, vou quebrar meu carro”. Lá não tem estrada, só tem buraco.*

É interessante verificar como a questão do transporte estava associada à questão da pobreza e da marginalização, como afirmou Ana:

*Carro não subia. Quando minha mãe pedia um senhor que morava na Pajuçara, o nome dele é Tubarão, para levar no Jacintinho, ele dizia: “Vou nada, Deus me livre pegar meu carro e ir para o Jacintinho”.*

Esta mesma condição aparece na fala de Carlos:

*Para vim do comércio para o Jacintinho tinha que parar dez, doze carros desses para achar um que viesse, porque ninguém tinha coragem de vim. (Carlos)*

## ***A montagem da área***

As primeiras habitações surgiram nas regiões mais aproximadas do centro da cidade. Elas eram construídas entre os locais onde hoje se encontram o Canal 5 (antes um campo de futebol) e a 96 FM (na época, uma lavanderia), recebendo o nome de Jacintinho. Como não havia forma de transporte, era natural que o bairro fosse inicialmente se desenvolvendo na direção do centro da cidade, facilitando, principalmente, a locomoção aos locais de emprego.

**Foto 1 - Área do antigo campo de futebol**



Nessa época existiam poucas ruas e elas não eram calçadas, havendo poucas habitações. Todos os serviços sociais básicos deram-se inicialmente nesse local, quando, inclusive, o bairro já começava a mostrar sinais de desenvolvimento. É assim que se dá a chegada do primeiro ônibus, de propriedade da empresa Santa Maria, fato ocorrido mais ou menos em 67, segundo Ana e Carla. Nesse período, o bairro já apresentava aumento na sua população e os ônibus não eram suficientes, conforme Fátima: “Os ônibus andavam todos cheios, pessoal caindo porque era pouco transporte e já tinha muita gente”. Além do sacrifício de utilizar ônibus lotado, os moradores tinham que conviver com o perigo de ele escorregar na ladeira de pedra, como afirmou Tânia.

**Foto 2 - Ladeira do acesso ao Jacintinho**



Logo após, os carros já começaram a dar sinais de vida pelo bairro, apesar de a quantidade ser restrita. Na época, segundo Ana, os carros que circulavam cobrando da população eram chamados de carros de passeio; depois foram surgindo os táxis. Nesse mesmo local de início do Jacintinho foi construída a primeira igreja do bairro, a Santo Antônio, levantada pelos próprios moradores, que carregaram pedras do Reginaldo. Ela localizava-se na rua Belém, mas foi transferida para outro ponto. A capela ainda existe no antigo local.

A parte onde hoje se encontra a 96 FM, até o atual Supermercado Santa Helena (na época o terreno era uma vacaria), era conhecida por Engenho de Dentro. Poucas habitações existiam: as principais

eram sítios. Com a construção de mais casas foi aberta uma estrada que facilitou a “esticada” do ônibus de Santa Maria. Com transporte operando, deslanchou-se a construção de mais moradias.

**Foto 3 - Foto da antiga Igreja**



Onde hoje se encontra a feira, era uma mata desabitada que servia aos moradores para buscar lenha para os fogões de casa. Essa parte também se chamava Engenho de Dentro; recentemente, é conhecida como Jacintão, indicando que os moradores trataram de dividir o bairro em duas partes, tendo como fronteira o viaduto localizado próximo ao supermercado Santa Helena. A outra parte denomina-se Jacintinho. As primeiras habitações a surgirem nesse local foram sítios que, com falecimento dos donos, foram loteados (segundo Ana a primeira casa foi a propriedade de Gerônimo). A construção do conjunto da COHAB, apontado como as primeiras casas feitas de tijolos, deu forte impulso para o desenvolvimento dessa área. O seu início deu-se quando ainda existia bastante mato, dificultando a vida dos moradores, como demonstrou Carlos:

*O pessoal vinha de lá para a COHAB mais era muito perigoso andar de noite por conta do mato, que era labirinto de um lado, labirinto do outro.*

**Foto 4 - Foto do Conjunto da COHAB**



A partir daí foi aberta uma estrada, facilitando a ida do ônibus até esse local. Depois começaram a subir os carros. No lugar da feira, existia um campo de futebol do time 13 de Maio (citado por Fábio como campo do amendoim). A sua construção foi realizada com a ajuda de moradores como Osman e Celestino (este, presidente do time e babalorixá Ijexá). O desenvolvimento do Jacintinho determinou a sua retirada para que fosse instalada a feira.

Atualmente, como já referimos, o bairro possui uma das maiores populações de Maceió. Conta com serviços de água, luz, grande variedade de transporte deslocando-se para diversos pontos da cidade, posto de saúde, escola, subdelegacia, comércio, enfim, uma infinidade de serviços que não obriga mais a população a se deslocar obrigatoriamente para o centro da cidade nas horas de necessidade. Além do mais, ele localiza-se num ponto estratégico da cidade, com acesso a vários bairros da capital alagoana.

O número de pessoas que se instalavam no Jacintinho crescia constantemente, provocando “inchação” do bairro, repetindo, por conseqüência, o que ocorria na cidade. Muitos dos que se estabeleciam carregavam o peso da falta de emprego; outros que já residiam no bairro passavam pela mesma situação. Como forma de sobrevivência, foi impulsionada a criação do comércio local, cujo início deu-se com a instalação de um mercadinho, na frente do qual os moradores aproveitaram para colocar bancas. A construção de mais habitações, especialmente o conjunto da COHAB, favoreceu essa forma autônoma de trabalho. No ponto onde isso começou, foi construído recentemente o prédio do supermercado Unicompra, na parte do Jacintão. A população, que antes era obrigada a realizar suas compras no centro da cidade, passou a fazer isso no próprio bairro. E essa possibilidade foi apontada pelos entrevistados como uma das maravilhas que o progresso trouxe ao Jacintinho. Para eles, os serviços prestados são de grande importância, aumentando seu número à medida que cresce o de desempregados, como afirma Fábio:

*Cada um tinha as suas banquinhas porque realmente não tinha emprego. Hoje tem muita gente adulta com carro de mão que vive fazendo frete, carregando feira do pessoal.*

O local onde começou a feira chegou a ficar cheio de bancas. De acordo com Fátima, “era perigoso, os carros passando e a feira de um canto a outro”. A quantidade de comerciantes era demasiadamente grande, chegando a interromper o trânsito. Além do mais, como afirma Tânia, o aumento provocou uma sujeira nas imediações. Para resolver esse problema, foi necessária a intervenção da Prefeitura, que providenciou a transferência da feirinha para onde se localizava o campo de futebol 13 de Maio, sob protesto de quem o utilizava, construindo-se em seu local um Mercado Público. Mesmo com a mudança, alguns comerciantes ainda preferem o antigo local, por acreditarem que lá o movimento é maior, acontecendo então o que Vânia expôs:

*Começou na feirinha de cima, acabaram de lá e ficaram aqui, mas encheram e continua lá e cá, essas duas feirinha.*

As instalações das bancas não foram as únicas formas de comércio a serem introduzidas no Jacintinho. Com uma breve passagem pelo local, pode-se constatar a variedade de pontos comerciais que foram instalados, como lojas de móveis, jóias, roupas etc., ou seja, tudo o que a população procura pode ser encontrado no próprio local de moradia. Como afirma Fábio,

*Cada um foi tomando conta que hoje está naquela situação, cheio. Tudo que você procura tem.*

Um dos maiores problemas constatados no surgimento do Jacintinho era a falta de água encanada. Assim, os moradores eram obrigados a darem um jeitinho para obter o seu consumo diário, o que era feito através das cacimbas localizadas em alguns pontos do bairro. No decorrer dos depoimentos, foram mencionadas algumas cacimbas utilizadas pelos entrevistados, como Pau D'Arco, a da caixa d'água, da D. Elza, do Alfredo, da caixa amarela, da ladeira da Socôco, ladeira de pedra, entre outras. Essa água consumida pela população era uma forma de sobrevivência dos que possuíam as cacimbas, pois cobravam daqueles que desejavam adquirir a água.

**Foto 5 - O local de uma cacimba (Grotta do Pau D'arco)**



Apenas alguns proprietários de cacimbas forneciam a água gratuitamente; outros aproveitavam para ganhar algum dinheiro vendendo-a nas portas. Estes eram os chamados carroceiros, que circulavam pelo bairro. Para lavar as roupas, muitos tinham que descer até a bomba da Marieta ou ir ao Reginaldo, o que demonstra a situação desumana dos habitantes que tinham de passar pelo sacrifício de carregar latas de água até suas residências ou andar quilômetros com trouxas de roupas.

Logo após, deu-se a construção de um chafariz e de uma lavanderia, podendo ser utilizados para lavar roupas e levar água para casa. Esses serviços se localizavam, respectivamente, onde hoje funciona a farmácia São José e a 96 FM. Ambos forneciam água gratuitamente. A instalação desses serviços melhorou um pouco a situação; entretanto, não era suficiente para abastecer toda a população. A água encanada surgiu primeiro no início do bairro, nas imediações do canal 5. O seu percurso de instalação seguiu o mesmo caminho do desenvolvimento do Jacintinho, sendo distribuído gradativamente nos outros locais. Na parte do Jacintão, a água chegou provavelmente em 1976 ou 1977, segundo Paulo. Recentemente, o fornecimento de água não foi muito questionado pelos entrevistados, e alguns até apontam-no como uma das melhorias do bairro. Apenas Tânia afirma possuir problemas com a sua falta, obrigando-a a fazer uma cisterna em sua residência.

O Jacintinho iniciou sua história utilizando candeeiro para fazer a iluminação. A energia elétrica surgiu fazendo o mesmo percurso do progresso: primeiro a parte do canal 5, depois o Engenho de Dentro até completar todo o bairro. Segundo Osman, a eletricidade chegou inicialmente no governo de Muniz Falcão, sendo distribuída gradativamente em outras administrações. Antes de chegar aos postes hoje comuns, eles eram “feitos de pau”, como afirma os depoimentos de Carla e Gildo. A parte do Jacintão recebeu energia

elétrica mais ou menos em 74, de acordo com Paulo. A introdução desse serviço é apontada pelos entrevistados como uma das melhorias do bairro.

**Foto 6 - Foto da escola Lamenha**



Com relação ao sistema educacional, houve dificuldades em datar o aparecimento da primeira escola no bairro, bem como o seu nome. Ana cita inicialmente o surgimento da Escola Padre Antíquio, Paulo diz que a educação no Jacintinho iniciou-se com a Escola Lamenha, enquanto Fátima e Carla citam a origem com o Teonilo Gama, ambas públicas. Depois foram surgindo outros colégios, gratuitos ou não, sendo as principais o Teonilo Gama e o João 23. Apesar de constar um pequeno número de escolas na origem do bairro, não houve reclamações quanto à qualidade do sistema educacional, o que não foi possível perceber em relação aos dias atuais, como afirma Carla:

*Hoje está horrível, quem não tiver dinheiro não estuda. As pessoas de baixo nível quase não tem condições do filho estudar.*

Na origem do Jacintinho, a saúde em Maceió apresentava os seus serviços de forma centralizada. Nessa época, a capital Alagoana possuía uma população relativamente pouco numerosa, facilitando o atendimento a todo o Município. Como dentro do bairro não existia forma de atender aos habitantes, eles eram obrigados a se deslocarem para os locais centrais. Também existia um atendimento domiciliar muito mencionado nas entrevistas, funcionando da forma que Carla expressou:

*Naquela época não tinha telefone, a pessoa descia, apanhava ônibus, chegava lá e fazia uma ficha e a sandu vinha para casa da pessoa prestar socorro. Vinha uma enfermeira e um médico. Se resolvesse o caso, bem, se não resolvesse, levava. Era de graça na Santa Casa, todo mundo tinha acesso.*

Esse atendimento chamava-se SANDU, localizado no centro da cidade, e possuía uma ambulância para prestar socorro àqueles impossibilitados de locomoção. Tempos depois é que o pronto-socorro passa a ser no Trapiche. Com o crescimento de Maceió, vão surgindo postos de saúde localizados em alguns pontos da cidade. Alguns foram mencionados pelos entrevistados, como o da Maravilha e o da praça

das Graças, que eram utilizados pelos mesmos. A antiga Legião da Boa Vontade, citado em algumas entrevistas como referência ao primeiro acesso do bairro, servia de ajuda às gestantes. Nesse local era realizado atendimento às mulheres grávidas, bem como o fornecimento do enxoval aos seus filhos. Não era cobrado nada aos usuários desses serviços.

Recentemente, o Jacintinho conta com atendimento de um mini pronto-socorro no próprio bairro. Entretanto, de acordo com as entrevistas, esse posto de atendimento, que deveria ter melhorado o sistema de saúde, infelizmente demonstra uma outra realidade que provocou reclamações intensas. Apesar da chegada do progresso, ainda são impostas formas desumanas e humilhantes à população no que diz respeito às necessidades básicas de sobrevivência. Passado tanto tempo, os habitantes ainda têm que se deslocar para o centro, mesmo havendo um serviço que deveria suprir suas necessidades. Isso pode ser constatado através dos depoimentos que se seguem:

*O mini pronto socorro a gente quer uma ficha e não existe, tem que sair de madrugada. Já saí daqui para o posto da Maravilha porque no bairro não tinha condições. (Fábio)*

*Chega no posto de saúde não tem médico, remédio suficiente. Cheguei com um rapaz que tinha levado um corte e mandaram para a central porque não tinha nada, nem esparadrapo. (Paulo)*

*Se você tem um problema hoje, você corre para o mini pronto-socorro, mas quase eles não podem atender por falta de condições. Para mim nunca funcionou. (Gildo)*

No passado, existia uma maternidade no bairro, mas não se comentou sobre a prestação dos seus serviços e nem por que ela teve fim. Ana cita a administração de Sandoval Caju como responsável pela sua implantação. No início, o bairro não possuía farmácia. Fátima cita como a primeira uma propriedade do senhor Medeiros, com poucos produtos para servir a população, exigindo dos habitantes o deslocamento para o centro nas horas em que necessitavam de algum remédio. Já Paulo menciona a Lafaiete como a origem desses serviços.

O Jacintinho, desde a sua origem, nunca foi bem servido no que se refere a lazer. Antigamente eram apresentadas danças que fazem parte da cultura alagoana, como o pastoril, a baiana, o guerreiro. As festas de finais de ano, os parques de diversões que eram instalados no bairro, serviam de palco para essas apresentações. A existência de dois campos de futebol, um localizado no terreno em que se encontra o canal 5 e outro no terreno da atual feira do bairro, faziam a diversão do Jacintinho. Não só os jogadores davam ar de sua graça no local; havia ali, também, a freqüência de mulheres e crianças que gostavam de assistir aos jogos, como afirmou Carla. O desaparecimento do campo provocou profundas reclamações de moradores, como Osman e Gildo. Recentemente, o bairro não conta com um local que possa aglutinar a família para um lazer, como se pode identificar no depoimento de Fátima. Atualmente, o Jacintinho conta com uma infinidade de discotecas e bares que só servem para adultos. De acordo com Carlos, eles surgiram mais a partir de 78 e são flagrados constantemente com atos de violência pelos seus freqüentadores. São locais que concentram bebidas alcoólicas e usuários de drogas, citados por alguns como causadores da violência.

O aumento populacional levou a que fosse ampliado o acesso a áreas que antes não eram utilizadas. Essas áreas são os vales profundos que cercam o bairro, denominados de grotas. Grosso modo, o bairro é dividido entre grotas e não grotas. Nesses locais é que vem se concentrando toda a questão da criminalidade, segundo os moradores comentam.

## **CAPÍTULO 3**

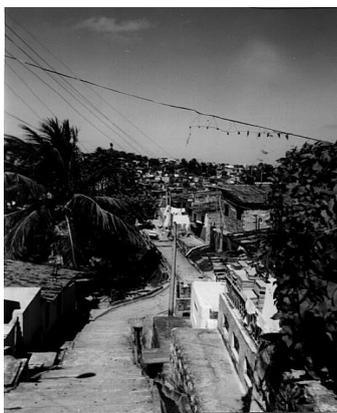
### **GROTAS**

#### ***Uma caracterização geral***

As grotas sofreram um processo de favelização, termo utilizado para indicar a existência de casebres condensados e comprimidos onde alojam-se os mais humildes, sendo um fato peculiar ao crescimento da sociedade urbana brasileira. O depoimento abaixo é de moradora antiga, Fátima, que presenciou a construção de moradias nesses locais. Nele encontra-se reforçado o argumento quanto a preços dos terrenos:

*As grotas eram habitadas consequência das pessoas que vêm do interior e não têm condições de comprar um terreno melhor num lugar plano. Aí chegam naquelas grotas, invadem um pedaço de terra e fazem aquelas casinhas na ladeira.*

Estamos diante da ocupação do que era chamado de biboca, e percebemos a extensão para as áreas pobres, de termos utilizados pelos ricos para qualificarem própria periferia. Deste modo, o Jacintinho tinha as suas próprias bibocas, como afirmou Carlos:



**Foto 7 - A Grotas do Cigano**

A população foi aumentando, os terrenos melhores quem podia foi comprando logo e fazendo casas e sobrou as bibocas para o pessoal que chegou por derradeiro.

As grotas seriam habitadas, portanto, pelas pessoas mais pobres dentre as pobres dos bairros, as chamadas bibocas. Fábio ressalta o valor dos imóveis nas áreas, na medida em que fala em qualquer preço como o montante a ser pago por quem desejasse adquirir:

Pessoas que não têm dinheiro para comprar um terreno melhor vão morar lá. Gente que vem do interior ou mesmo de Maceió que estão desempregada. Vendem terreno lá por qualquer preço.

De acordo com Carlos, acredita-se que as grotas foram sendo habitadas nos anos 60. Segundo ele, a primeira foi a grota do Cigano, seguida pela Frei Damião. Com a construção do conjunto José da Silva Peixoto, surgiram casas nas terras que sobravam, nascendo assim a do Pau D'arco, famosa pelo acesso ao bairro do Feitosa e à Rodoviária da cidade. O surgimento do Conjunto Piabas deslanchou o aparecimento de moradias nas grotas ao seu redor.

#### **Foto 8 - Grotas do Pau D'arco**



Como o processo de busca desses locais é intenso, as casas surgem uma junto da outra. Nesses lugares, o acesso é difícil, com escadas estreitas que trazem dificuldades a quem os utiliza. Não há saneamento básico, formas de transporte, segurança. Além do mais, seus habitantes são forçados a conviverem sob ameaças constantes de acidentes. Em épocas de chuvas, ocorrem deslizamentos de barreiras em cima de residências, muitas vezes matando quem se encontra nelas, como afirma Paulo: “De vez em quando acontece acidente, cai a casa, acidenta gente, mata.”

## **CAPÍTULO 4**

### **COMO SE PERCEBE A VIOLÊNCIA**

A julgar pelas entrevistas que realizamos, o morador do Jacintinho percebe Maceió como uma área violenta. É essa a posição assumida por 67,00% (n=212) dos nossos entrevistados, sendo esse

percentual de 74,00% (n=115) para o sexo feminino e de 59,00% (n=97) para o sexo masculino. Isso não significa que perceber a violência seja matéria determinada pelo sexo do informante, embora haja maior ênfase na população feminina.

**Tabela 1 - Sexo e posição quanto à violência em Maceió**

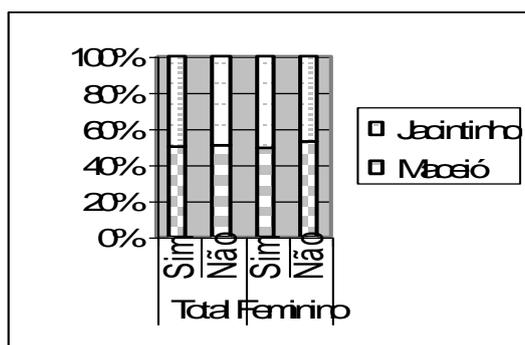
Sexo	Posição		Total
	Sim	Não	
Feminino	85	30	115
Maculino	57	40	97
Total	142	70	212

Uma classificação semelhante é dada ao bairro do Jacintinho e repete-se a mesma percepção por sexo. As mulheres tendem mais do que os homens a considerarem que o bairro é violento. No total, essa afirmativa é dada por 67,00% dos informantes: Ao que diz respeito às mulheres, é de 77,00% contra 57,00% para os homens, dando-se uma associação medida em  $Q_{xy}=-0,43$ , mais acentuada do que a força e direção da associação encontrada para o quadro de Maceió, onde  $Q_{xy}=-0,335$ .

**Tabela 2 - Sexo e posição quanto à violência no Jacintinho**

Sexo	Posição		Total
	Sim	Não	
Feminino	88	27	115
Masculino	55	42	97
Total	143	69	212

**Gráfico 1 - Posição quanto à violência**



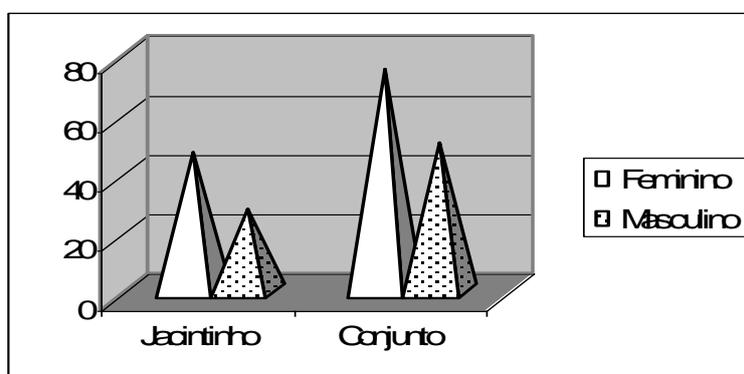
Ao pedirmos para os habitantes do Jacintinho realizarem uma classificação dos bairros de Maceió segundo a violência, a área em que habitam foi considerada como a principal, seguindo-se regiões

<sup>5</sup> Não temos o objetivo neste trabalho de operar com gêneros. Evidentemente, a questão política referente aos gêneros está implícita nos dados estatísticos que apresentamos, restando-nos apenas chamar atenção para o fato. A questão apenas perpassa nosso objetivo, embora não desconhecamos a importância de focalizar o jogo de poder que se encontra em andamento no processo

vizinhas como o Feitosa e o Vale do Reginaldo. Tratava-se de uma questão de múltipla escolha, e gerou 240 menções no total, com o Jacintinho englobando cerca de 31,00% das menções. Somando-se a isso os dados do Feitosa e do Vale do Reginaldo, tem-se 52,00%. É o bairro e sua vizinhança que os habitantes demarcam como concentrando a violência em Maceió.

As mulheres tendem mais do que os homens a centralizar suas observações sobre a região que apontamos, parecendo deterem-se no que poderia ser considerado como o círculo do doméstico. Tanto é assim que, das 126 menções femininas, 59,00% (n=126) relacionavam-se ao conjunto mencionado como de maior densidade criminal, enquanto as menções masculinas atingiam 43,00% (n=114).

**Gráfico 2 - Menções aos bairros**



A violência no Jacintinho é lançada pelos informantes especialmente em termos de assassinato, seguido por roubos e furtos, mas merece relevo, também, o que se refere ao estupro e à briga entre gangues.

**Tabela 3 - Atividades julgadas no Jacintinho**

Menções	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Assassinato	75	55	130
Assalto	23	28	51
Furto	16	35	51
Briga de gangue	8	8	16
Estupro	9	5	14
Invasão de propriedade	7	5	12
Droga/Álcool	6	5	11
Diversos	4	3	7
Total	148	144	292

Para que se note o modo como se tem distribuído as atividades criminosas no bairro, 41,00% dos informantes referiram já haver sido cometida alguma atividade criminosa na sua própria rua. Bem mais do que os homens, 47,00% (n=115) das mulheres tendem a testemunhar quanto ao delito na rua em que moram, contra 33,00% (n=97) dos homens.

**Tabela 4 - Posição quanto a crimes ocorridos na rua**

Sexo	Posição			Total
	Sim	Não	Sem	
Feminino	54	60	1	115
Masculino	32	65		97
Total	86	125	1	212

Trata-se de uma população que convive, portanto, com um cotidiano extremamente violento, com atentados constantes à vida e à propriedade. Neste último sentido, 32,00% (n=212) dos entrevistados informou saber que a residência do vizinho havia sido violada; e 22,00%, que o fato havia ocorrido com sua própria residência. O problema se agrava e se demonstra nos dados abaixo, quando em um contexto desse tipo apenas 7,00% havia recorrido à Justiça e 15,00% à Polícia. Considere-se, para notar-se a densidade da situação, que 45,00% sentem a sua propriedade ameaçada. Dos que sentem esse impacto sobre suas propriedades, 82,00% (n=95) consideram que esta ameaça é algo contundente, no sentido de esperar que a violência se concretize.

Sem recursos para garantir a segurança de seus lares, ao contrário do que ocorre com os setores de mais alta renda, que chegam à sofisticação da segurança eletrônica, os meios utilizados são os mais triviais possíveis, assumindo-se, também, a proteção do sagrado como a força capaz de resolver esse verdadeiro impasse de vida no âmbito de suas posses. Fechar as portas é a providência mais comum, seguida do pedido de proteção a Deus. Entregue a si mesma, a comunidade vai do prosaico ao sagrado, no seio do contexto de violência que se encontra instalado em seu cotidiano.

**Tabela 5 - Tipos de proteção à propriedade**

<b>Proteção</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>Total</b>
Fechar as portas	78	56	134
Deus	41	20	61
Cachorro	15	13	28
Cadeado	22	3	25
Vigia de toda a rua	9	8	17
Nada	2	14	16
Objetos nas portas	6	2	8
Os próprios moradores	1	4	5
Grade	3	1	4
Muro alto	1	3	4
Não receber estranhos	3	0	3
Dormir alerta	3	0	3
Sem Informações	1	2	3
Amizade com todos	1	1	2
Arma Branca	3	0	3
Panela com água	2	0	2
Todas as formas possíveis	0	1	1
Arma Fogo	0	1	1
Ficar dentro de casa para não ser testemunha	1	0	1
Dois militares na família	1	0	1
Luz acesa	1	0	1
Pega ladrão	1	0	1
Telefone	1	0	1
<b>Total</b>	<b>196</b>	<b>129</b>	<b>325</b>

As grotas são realmente as áreas temidas do bairro, e boa parte dos crimes que acontecem é levada à conta de moradores dessas mesmas grotas e, portanto, torna-se necessário, para melhor caracterizar a violência na área, entender o cotidiano desses locais.

## **CAPÍTULO 5**

### **A VISÃO DAS GROTAS**

#### ***A grotas e o aumento da criminalidade***

O maior problema identificado pelos entrevistados no Jacintinho consiste no aumento da criminalidade. A “inchação” cada vez mais crescente do número de habitantes nas grotas ajudou que elas se tornassem, constantemente, palcos de atos de violência. Nesses locais “acontecem muitos crimes, nessas grotas são os lugares mais perigosos”, como afirmou Fátima. De acordo com depoimentos, conforme vimos no Capítulo anterior, o bairro é considerado um dos mais violentos de Maceió e os responsáveis por essa rotulação são vistos como moradores das grotas.

É interessante perceber-se que há uma discriminação por parte da população de Maceió com relação aos habitantes do Jacintinho. Rosângela, por exemplo, ressalta que, ao fazer uma entrevista, não conseguiu um emprego por morar no bairro. Não nos importa saber da veracidade ou não do fato; importa

que ela contém o informe quanto à discriminação. Aliás, os programas locais de televisão e rádio sobre violência ajudam a fundar o preconceito e a demarcar a marginalização da área. O simples ato de assistir aos programas locais sobre violência faz-nos constatar o número de vezes que o bairro está presente. Em contrapartida, os seus moradores jogam toda a culpa nas chamadas favelas, repassando o peso da discriminação. Fábio esclarece esses argumentos:

*O Jacintinho, apesar de ser um dos maiores bairros de Maceió, ou o maior, é onde existe uma das maiores criminalidades do Estado de Alagoas por causa das favelas que existem por aí. Por onde a gente corre existe favelas. Se vai para o lado direito, norte ou sul, leste ou oeste, sempre existe favela, e as favelas sempre existe perigo.*

Todas as Grotas são enfatizadas como locais violentos, mas é dada maior ênfase à do Cigano (maior do bairro), seguida pelas Grotas do Pau D'arco e Reginaldo, que faz divisa com outro ponto crítico da cidade, o bairro do Feitosa. Referência também importante é dada à Grota localizada ao redor do conjunto Piabas e nas proximidades da Feirinha. Pessoas que moram próximo a esses locais afirmaram não poderem andar tranquilamente nas redondezas pela quantidade de crimes existentes. Quando menos se espera, acontecem mortes, espancamentos, assaltos, muito consumo de drogas, etc. Fatos assustadoramente mencionados são as constantes perseguições desencadeadas entre bandidos e policiais que trocam tiros e deixam a população como alvo fácil. Gilda afirma:

*Quando eles brigam sobem aí pela ladeira, sobem com arma na mão, os maconheiros. Foi não foi, sobe uma pessoa morta da grota, que eles matam lá para baixo”.*

## **O exercício do preconceito**

Como o Jacintinho é um local que abriga uma parcela da população pobre de Maceió e as grotas concentram os que estão abaixo da linha de pobreza, as pessoas associam que ser pobre é sinônimo de marginal. Pela fala dos entrevistados, o bairro é bom, começou com diversas dificuldades, mas o progresso trouxe-lhe melhorias. Eles reforçam que lugar ruim são as grotas, como se quisessem retirá-las do mapa geográfico do bairro. Osman resume tais proposições:

*Hoje está tudo mais elevado, hoje todo mundo é gente de bem, ninguém vê gente pobre. Gente pobre sempre tem em todo canto, mas aqui tinha demais. Aqueles mais pobres daqui estão onde? Na grota do Cigano, muitos estão no Benedito Bentes. Na grota do Cigano, na grota do Rafael é onde tem aquela bagunça, por onde dá muito maloqueiro.*

**Foto 9 - A Grota das Piabas**



Essa posição que identifica violência e pobreza não é um fato peculiar ao bairro do Jacintinho. Talvez seja possível generalizar que em todo o país, o morar em favelas leva a que seus moradores sejam considerados elementos perigosos para a sociedade. Diógenes escreve:

*Vai ocorrer uma “criminalização da pobreza”, ou seja, falar de morador de favela vai ter o mesmo sentido de se apontar os setores considerados perigosos na sociedade. (1998:84)*

**Foto 10 - A Grota do Rafael**



## ***A roupa e o crime***

Esse preconceito é sentido principalmente entre os jovens favelados. Marcos relatou o caso de um menino que usava “roupas de marcas” e era pobre. Segundo ele, o garoto só podia estar roubando para consumir tais produtos. Isso significa que nos bairros de periferia, o cara que usa vestimentas boas é porque está utilizando meios ilegais para adquiri-las. Diógenes ainda vai mais longe ao ressaltar que a discriminação ocorre mesmo que esses jovens estejam participando do processo educacional:

*A vivência do jovem “pobre” nos bairros de periferia, ainda que o mesmo não esteja participando de gangues e se inclua na condição de estudante, ostenta uma marca classificatória, segregadora, permeada pelo referente da “marginalidade”. (1998:25)*

Isso não significa dizer que nas Grotas todos tenham o hábito da prática da violência. Moradores confirmam a existência de pessoas que participam regularmente da vida social, seja sob a forma de empregos formais ou na informalidade. É enfatizada a existência de pessoas que mesmo com tantas dificuldades conseguiram tornar-se cidadãos de bem num mundo hostil para eles. Como afirmou Edson, “mora muita gente boa lá em baixo, por ser pobre mas são todos de vergonha”. O presente trabalho vem em consonância com os argumentos de Guimarães:

*Emprestar a conceitos tais como os de classes perigosas ou de lumpemproletariado a mesma significação de favelados será incorrer no mesmo erro daqueles que estendem a designação de marginais a todos os membros das classes pobres. (1982:8)*

Entretanto não se pode negar o alto grau de criminalidade presenciado nesses locais. Nascidas em condições subhumanas, as grotas carregam em si o peso da maior das violências, essa que é mascarada pelo poder público. Com alto índice de desemprego, baixos salários, falta de educação, saúde mal assistida, péssimas condições de habitação, enfim, uma série de constrangimentos, empurrados a essas pessoas, que condizem com a mais grave das violências e que podem ser considerados como o principal responsável pela ordem criminal. Como resposta a isso, ressalta Moraes;

*O homem, na sua história, tem sido o que sua sociedade é. Se ela é injusta, ele também o é; se ela é violenta, ele não faz por menos. (1981:85)*

É corriqueira a existência de pais de famílias vendo seus filhos com fome, não podendo eles fazer nada. O trabalho de Moraes explica o que pode causar esse grau de impotência:

*As autoridades policiais e os jornalistas costumam afirmar que nos bairros pobres da periferia é onde a violência é mais crua e deflagrada. Isso não quer dizer que os pobres são, naturalmente, mais violentos. Quer isso significar que o grau de impotência que lhes foi imposto acua-os de tal forma que, em certos momentos, só os atos de violência se apresentam para eles como alternativa de liberação e sobrevivência. (1981:33)*

## ***As vicissitudes policiais***

Dados colhidos na delegacia do Jacintinho especializada em cuidar das infrações cometidas por adolescentes confirma a violência estrutural que é imposta aos habitantes das grotas. Suas informações são corroboradas por Geovan:

*Só o menino, eu não queria falar, só o menino não ter nada para comer já é uma violência, não é? Só o pai do menino não ter emprego, sair para a rua e não trazer nada para o filho comer, isso já é uma violência, não deixa de ser uma violência, não é isso? Criança dormir com fome, amanhecer com fome, é uma violência.*

*A violência é dada aqui acho que pelas condições de vida, quer dizer, mora muita pessoa humilde aqui. Não que humilde seja sinal de violência, é falta de estrutura, de tudo, muito desemprego, as pessoas vivem de vender verduras, essas coisas.*

## ***A vida da bagaceira***

Um dos principais motivos que os entrevistados apontam para a concentração da violência nesses locais é o número elevado de pessoas que são obrigadas a viverem da bandidagem. As grotas servem de esconderijo de bandidos. Praticamente só os moradores se arriscam a locomoverem-se nesses locais. É quase nula a existência de policiais, tanto dentro das grotas como nas suas entradas, o que facilita o esconderijo. Como a polícia freqüenta pouco o local, é natural que ela tenha total desconhecimento do lugar. Enquanto isso, os criminosos convivem dia-a-dia com a realidade das grotas, facilitando a sua dominação. Essa facilidade já atraiu pessoas de outros locais. Como afirmaram alguns depoimentos, bandidos assaltam ou matam em outras localidades e vêm esconder-se nas grotas do Jacintinho

## ***Exército de reserva***

A alavanca do sistema capitalista é a incessante transformação de parte da população trabalhadora em desempregados ou semi-empregados. Marx denomina isso de superpopulação relativa ou exército de reserva do trabalho, e sua existência não é eventual, decorrente do aumento normal do contingente populacional, mas é uma lei de população inerente ao modo de produção capitalista, produto da lei geral de acumulação do capital:

*Não basta à produção capitalista de modo algum o quantum de força de trabalho disponível que o crescimento natural fornece. Ela precisa, para ter liberdade de ação, de um exército industrial de reserva independente dessa barreira natural. (1988:193)*

Segundo Marx, a lógica do capitalismo é, com a acumulação do capital, investir mais no capital constante (meios de produção como a máquina, matéria prima) do que no capital variável (salário do trabalhador):

*[...] o crescimento absoluto do capital está ligado ao decréscimo absoluto do seu componente variável ou força de trabalho absorvida por ele. (1988:190)*

O investimento maior em máquinas é mais viável no sistema capitalista de acordo com o raciocínio da obtenção de lucros. Elas são mais econômicas, não recebem salários nem horas extras, não tiram férias e não fazem graves. São utilizadas como instrumento na transformação de parte da população em trabalhadores excedentes, garantindo a exploração dos que encontram-se empregados, rebaixando seus salários e impondo condições mais duras de trabalho.

Se não existissem trabalhadores disponíveis, seria provocado o aumento das reivindicações dos que estão na produção. Assim, à medida que a superexploração do trabalho vai desgastando parte da mão-de-obra engajada, esses segmentos desgastados poderão ser substituídos pelos reservatórios disponíveis. Guimarães ressalta também em seu trabalho que a tecnologia é utilizada como forma de decrescer os meios de ocupação:

*[...] à medida que se desenvolve o capitalismo ele utiliza, por uma exigência da acumulação do capital, inovações tecnológicas poupadoras de mão-de-obra. (1982:6)*

Ao mesmo tempo em que decresce a ocupação, o sistema capitalista eleva à categoria de cidadãos aqueles que conseguem incluir-se na produção. Os que estão afastados são muitas vezes relegados à denominação de vagabundos e, prontamente, perdem o direito de usufruírem da cidadania. O trabalho torna-se uma condição de circulação no meio social, e para aqueles que não o ostentam há risco de carregarem um estigma de mau conduta, como afirma Diógenes:

*O trabalho tem representado o referente central de cidadania nas sociedades mais diversas que pontuam nosso planeta. Ser trabalhador é como adquirir um salvo-conduto moral, um suposto passaporte que alinha dois mundos que se entrelaçam através de um profundo abismo: o mundo dos “proscritos” e daqueles que se incluem nos interstícios da cidade oficial. (1998:35)*

Se não existe trabalho para todo mundo, muitos não conseguirão garantir a sua sobrevivência. O indivíduo certamente, a menos que utilize outros meios, passará fome, viverá em péssimas condições de habitação, não terá direito a saúde, educação, enfim, viverá sendo incluído na categoria de miserável. Como diz Guimarães, essa é uma lei da acumulação capitalista, que produz riqueza e tem como efeito contrário o alargamento da miséria:

*[...] o crescimento da riqueza, a acumulação do capital produz um excedente de população sem trabalho e esse excedente reproduz o pauperismo. ( 1982:6)*

Dessa forma, acredita-se que os desempregados utilizarão outros meios para sobreviverem. Dentro das estratégias de sobrevivência, a mais viável é que muitos se incluam na informalidade, alguns de forma legal e outros na ilegalidade. Este é o efeito perverso do sistema capitalista: à medida que ocorre o aumento do exército de reserva, e conseqüentemente o pauperismo, a tendência é que ele sofra modificações na sua composição, com segmentos deslizando para camadas do lumpemproletariado, esse entendido como grupo de pessoas que, não obtendo meios de sobrevivência nas formas legais de produção, passam a se sustentar, e provavelmente também a sua família, nas formas ilegais, com constantes atos de violência, fato explicado muito bem por Guimarães:

*Nas piores conjunturas, de crescente agravamento do pauperismo, quando aumentam os segmentos de subempregados e desempregados pertencentes à classe trabalhadora, esta pode desagregar-se, e uma parte dela, premida pela miséria e pela ausência de alternativas, está sujeita a deslocar-se para o lumpemproletariado. ( 1982:7-8)*

Esse aumento generalizado do número de pessoas sem emprego, ressaltado por Fátima e Jorge, exemplificando as grotas do Jacintinho, torna-os candidatos potenciais à marginalidade criminal. Odalia, em seu trabalho, pede:

*Olhe-se para o índice de desemprego de grande parte dos habitantes dos centros urbanos e veja-se a relação disto com a crescente onda de violência nas cidades. (1983:57)*

Entretanto, o alto índice de desemprego por si só não explica a crescente onda de violência desencadeada nos centros urbanos. A pauperização também se dá entre aqueles que se encontram na produção, devido a seus baixos níveis de renda. É constante perceber-se a longa jornada de trabalho desenvolvida pelos trabalhadores diariamente, sem contarem-se as longas horas para se deslocarem até seus empregos, somadas ao retorno às suas residências.

José Manuel exemplifica que seus filhos têm que sair bem cedo de casa para não cheguem atrasados nos seus postos de trabalho, e o retorno só se dá por volta da noite. O dia-a-dia durante o trabalho também não tem sido dos melhores. Como recompensa por seus serviços, muitos dos que se encontram na produção recebem salários baixos, geralmente o mínimo, que é o pago por diversas empresas. Dessa forma, o trabalho cheio de sacrifícios tende a ser evitado por algumas pessoas, como afirma Velho:

*A trajetória de trabalhadores modestos, repleta de dificuldades e frustrações, marcada pela pobreza, é encarada como algo a ser negado e evitado. (1996:20)*

Zaluar reforça tais suposições, explicando a deficiência de um aumento salarial isolado, não acompanhado de outras modificações na sociedade para que se possa combater a violência. Os ganhos adquiridos durante o dia-a-dia do trabalhador geralmente são bem menores do que se pode conseguir com a ilegalidade.

*[...] apenas o aumento do salário mínimo ou a implementação de políticas públicas que não contemplem a especificidade da nova criminalidade não serão suficientes nem eficazes [...] são raríssimos os empregos, mesmo os de classe média, que oferecem os níveis de renda do tráfico de drogas ilegais. (1996:57)*

O posicionamento de viver na ilegalidade acreditando gerar mais lucro recai principalmente entre a juventude. Segundo Diógenes, para eles

*o tempo do trabalho passa a ser vivido como um tempo ausente de significantes no universo juvenil dos bairros de periferia. (1998:43)*

Ansiosos por adentrarem na cultura de massa, acreditam que consomem bem qualitativamente e quantitativamente nas formas ilegais. Como afirma Diógenes, muitas vezes chegam a passar por algumas experiências de trabalho, mas percebem que o mesmo não os satisfaz:

*O trabalho torna-se uma fantasmagoria. Como uma cidade abandonada, desértica, o trabalho continua mobilizando os jovens à procura das ofertas de emprego, inserindo-os momentaneamente no mercado de trabalho. Eles experimentam, participam, até que a força de uma ausência de sentido do trabalho desempenhado, ou a nostalgia do fascínio das experiências de pilhagem vivenciadas entre as turmas nas ruas manifeste-se. (1998:36)*

## **A vida marginalizada**

Essa especificidade da violência é encarada por alguns entrevistados como sinal de malandragem. Para eles, os bandidos utilizam a falta de emprego com intuito de fazer desordem. Isso reflete um sentimento de rancor desencadeado nas vítimas ou possíveis vítimas, que acreditam que nada justifica o ato da violência: se são violentos é porque querem, como afirmam alguns depoimentos:

*Eu acho que é porque tem muita gente que não gosta de trabalhar, quer logo pegar o que não presta. Aí fazendo amigos, fazendo turma, vai trazendo de longe, aí formam, né? (Moradora próximo à grotta do Cigano).*

*O povo vive reclamando da falta de emprego, outros porque não querem trabalhar. Aproveitam essa fase da falta de emprego para andar fazendo desordem (Djalma)*

*Eu acho que é o desemprego, porque aqui em Maceió não tem emprego para ninguém e quando tem só trabalha se tiver peixada, entendeu? [...] Agora também tem, às vezes eles são marginais de nascença, são safados. Não é porque a pessoa não tem um emprego que a gente vai se dismantelar, vai matar um amigo, vai matar uma pessoa, vai estuprar uma criança, vai fazer isso e aquilo outro. (Edilma)*

## **Bandido formado de pequeno nas grotas**

Em Maceió, as grotas do Jacintinho têm servido de abrigo a diversas pessoas vítimas do êxodo rural. Muitos dos migrantes trazem consigo um número elevado de descendentes, juntando-se aos já nascidos no local. Essas crianças logo cedo serão obrigadas a conviver com os diversos problemas enfrentados nesse tipo de moradia, dificuldades essas decisivas no seu processo de formação.

Em busca de oportunidades nas cidades, as famílias sentem logo o peso das frustrações ao constatarem que não existe emprego para todos. Se muitas conseguem alguma coisa, certamente a renda obtida não será suficiente para suprir suas necessidades e a de seus filhos, o que provocará a entrada cada vez mais cedo de menores no custeio das residências. Já que são novos para se iniciarem no meio produtivo, certamente sua sobrevivência se dará através da informalidade, realizando “bicos”, a mendigagem ou as duas coisas ao mesmo tempo.

Essas crianças crescem vulneráveis ao que a rua oferece, e talvez o mais comum sejam as experiências de pilhagem, que, pelo menos, parece trazer-lhes melhores ganhos. José Manuel confirma o que acontece nas grotas do Jacintinho:

*O pai não tem condições e manda os filhos pedirem na rua, já que eles não querem pedir. As crianças topam fácil as coisas. Se junta com um menino maior que faz a cabeça do pequeno [...] Quando pensou que não, o menino já não está mais pedindo, ele já não quer mais pedir, ele já quer roubar porque ele acha ali é mais fácil, que ele já não vai andar mais com um saco nas costas, já não vai andar levando charada de um e de outro.*

Outro problema presenciado nas grotas é a constatação de que muitas crianças não participam do processo educacional. Segundo José Genival, “os meninos aqui, a maioria, aí na grota do Cigano, a maioria nem estuda ainda”. Se não estão na escola é porque seu tempo não está sendo ocupado com alguma coisa “produtiva”, já que mendigagem é tida como “ociosidade”. Nesse caso há uma tendência de ocorrer o que relatou José Manuel:

*Aqueles que podem estudar, estuda; aqueles que não podem estudar vão viver como? Na rua. Jogar bola, aí jogar bola começa aquela turma e quando pensa que não, se vicia naquele negócio. Aí quando acha bom não quer deixar. Tem vez que mata pai, pai mata filho, um mata irmão, isso e aquilo outro. Aí eles começam a assaltar, roubar, matar, isso e aquilo outro. Eles fazem isso se tiver drogado.*

Dessa forma não se pode ser otimista quanto ao futuro que aguarda esta sociedade enquanto as crianças forem tratadas dessa maneira. O tempo que há de vir certamente será desagradável e as vítimas desse sistema por certo se voltarão contra aqueles que se sentem indiferentes em relação à situação dos menores. Será uma guerra daqueles que não têm nada, contra aqueles que possuem alguma coisa. Esses argumentos podem ser reforçados através da exposição de Moraes:

*O que nos aguarda – a não ser que a história seja ilógica - é um futuro denso de violência sociais emergidas de uma estranhada necessidade de vingança. E esta vingança deverá ser contra toda uma sociedade que se mostra apática e conivente com tamanha e tão bárbara repressão ao menor desvalido. (1981:73)*

Crescendo nesse meio, as crianças tornam-se jovens sem nenhuma expectativa de futuro, o que talvez explique a crescente entrada de jovens nas malhas do crime. Diógenes discute em seu trabalho:

*Não seria a violência uma resposta sangrenta e espetaculosa à indiferença a que são relegados os jovens moradores de periferia? (1998:52)*

Velho ressalta em seu trabalho que a bandidagem tornou-se uma alternativa para os jovens:

*A carreira de bandido coloca-se como uma alternativa real para a maior parte da população masculina jovem. Mesmo aqueles que se mantêm no mundo legal, freqüentemente admitem a possibilidade de ingresso na vida da transgressão e do crime. (1996:20)*

Para a delegacia especializada em infrações cometidas por crianças e adolescentes, localizada no Jacintinho, “todo crime cometido pelo adulto o adolescente comete”. Segundo ela, em 1999 foram instaladas 200 investigações envolvendo menores. Esses atos criminais vão desde os roubos de produtos de pequeno valor até os assassinatos mais brutais. De acordo com algumas entrevistas, essas pessoas passam a ingressar nas malhas do crime através das influências de amigos. Para Fátima, “muitas crianças entram no caminho errado por causa de amigos, se juntam com quem não presta”. Os depoimentos abaixo confirmam o desejo de afastar das crianças esses elementos considerados maléficos para a sociedade:

*Uma pessoa de cabeça feita, passou de trinta anos, eu acho que ele sabe o que faz. Mas esses meninos novos que vivem nos colégios, num canto e no outro e os bandidos atentando eles, é onde eles podem ficar um menino violento [...]. Você sabe que uma ovelha ruim bota o rebanho a perder. (Marcos)*

*Se a gente anda com uma pessoa de bem, vai ser uma pessoa de bem também. Mas se eu me junto com um marginal eu vou virar o quê? Um marginal, entendeu? (Elma)*

Um fato apontado por alguns entrevistados com relação ao interesse de bandidos em iniciarem os menores no mundo do crime seria a utilização desses iniciantes como escudos. De acordo com Santos, do 5º Distrito, localizado no Jacintinho, houve várias tentativas de realização de flagrantes, e ao chegar no local só existia o menor para responder pelo crime. Segundo ele, esses menores são protegidos pela lei e assumem toda a culpa, pois sabem que não serão presos. Afirma que, “o menor é ouvido, vai para um CRM, que é recuperação do menor, mas ele não passa muito tempo não”. Há também a hipótese de que bandidos experientes, principalmente os que se utilizam do tráfico de drogas, tenham esses menores como consumidores e prováveis repassadores do produto.

Os menores iniciados nas malhas do crime tornam-se violentos tanto quanto bandidos de maior idade. Essa constatação pode ser confirmada por Santos e pela Delegacia especializada em criança e adolescente infratores, ambos responsáveis por apreensões, que afirmam o alto índice de porte ilegal de arma encontrados nesses infratores, tornando-os mais temidos pela sociedade. Esse armamento não refere-se apenas a canivetes, facas, mas também a armas de fogo. Para consegui-lo existem diversas formas, e seu lugar oficial, segundo os entrevistados, seria a Feira do Rato, local famoso por vender coisas roubadas. Para a delegacia,

*Tem alguém passando armas para essas crianças, alguém que tem acesso com facilidade.  
[...] O adulto está repassando, o adulto tem facilidade de conseguir arma para repassar para o adolescente. Vendem por 70, 130, 150. Até carabina vendem na feira, 350 reais.*

Marcos, que expôs várias experiências com menores infratores, relata seu temor a essas crianças armadas:

*Um menino desse mata um com um espeto, uma faca, só anda armado, todo tipo de armamento um menino desse. Um menino desse para tirar a vida de um pai de família tira ligeiro, não precisa de revólver não.*

Outra dificuldade sofrida pelos menores nas favelas do Jacintinho localiza-se dentro das suas próprias casas. Eles são alvos constantes das agressões físicas e morais transmitidas pelos seus próprios familiares. Rosa relata um caso, que não é o único, mas pode servir como exemplo da violência que se instala dentro do próprio lar:

*Tem uma família que pede que o filho seja marginal, porque a família deixa ele dentro de casa só de cueca, esconde toda a roupa do menino. Ele pega a roupa da irmã, pula o muro para roubar.*

## **Características dos Bandidos**

O cotidiano de violências no Jacintinho tornou os seus moradores conhecedores das características daqueles que vivem na ilegalidade. Fornecem com isso lições para evitar contatos com esses elementos considerados nocivos para a sociedade. Segundo eles, o bandido tem um jeito próprio de andar, de falar e de se vestir. Para uma moradora próximo à grotta do Cigano, “essas pessoas são diferentes do ser humano”. Geralmente usam tatuagens, bonés e possuem uma conversa própria, carregada de gíria.

Acreditam que ao cometer um ato criminal, o bandido anteriormente ingere algum tipo de droga, substância que modifica seu comportamento e sua aparência, como afirma depoimentos abaixo:

*Conheço pelos lábios dele que ficam ressecados, ele não tem como sair a saliva dele, não consegue porque a maconha não deixa como, ele resseca, uma substância que não tem como ele cuspir. Os olhos dele ficam vermelhos encardidos, um vermelho que nem um rosa, um negócio brilhoso, perde o equilíbrio dos olhos. (Edson)*

*Olhos vermelhos, olham para a gente mal encarado. Tem uns que não olham para a gente, olham por baixo. Andar de maconheiro, de gíria mesmo. (Elma)*

Isso remete a um problema: torna o boné, a gíria, a tatuagem, o uso de drogas como uma classificação, prejudicando aqueles que utilizam dessas características mas não se incluem no quadro de bandidos. Eliete ressalta que foi confundida com conhecedora dos pontos de venda de drogas por possuir uma tatuagem.

Outra característica apontada pelos entrevistados diz respeito ao fato de os bandidos não encararem as pessoas, principalmente as vítimas. José Manuel conta o caso de um dono de mercadinho do bairro que foi morto pelo bandido só pelo fato de ter olhado para ele. Acredita-se que essa precaução é para não ser reconhecido. Pode-se dizer que encarar tornou-se uma forma de reagir, e reações das vítimas são detestáveis para os bandidos. Edson acredita que o bandido não olha para as pessoas, mas observa muito bem o que elas possuem, com intuito de roubar depois:

*O ladrão não encara olho com olho, ele não tem coragem de encarar você. Ele baixa a cabeça, fica tapeando, coçando a unha, ajustando o relógio, mas por baixo ele vira aquele boné que gosta de usar, por baixo ele está olhando seu bolso, seu relógio.*

Embora pouco salientado, há quem diga que o bandido anda arrumado para não dar demonstrações, como afirma Marcos:

*O bandido anda bonitinho para não dar demonstração. O bandido não anda esculhambado não. O bandido só anda bonito porque chega assim num canto, com boa presença, a pessoa se confia nele, entendeu o negócio?*

## **Consumo**

No mundo globalizado observa-se, através da mídia e da cultura de massa, a divulgação de produtos a serem comercializados. Somos constantemente bombardeados através dos meios de comunicação da necessidade de se obter determinadas vestimentas da moda, de comprar eletrodomésticos de última geração, automóveis do ano, enfim, uma série de mercadorias que vem homogeneizando gostos e impondo imagens. Essa propaganda é divulgada para amplas camadas da sociedade, lembrando a todo tempo que “consumir é um modo de existir e de ser notado na esfera pública iluminada” (Diógenes, 1998:101).

Mais do que mostrar um padrão estético a ser seguido, a propaganda consumista dita também um modelo de cidadania, e aqueles que não o ostentam são imediatamente desqualificados do convívio social, muitas vezes sendo taxados de marginais. É como uma regra de circulação no espaço público: ao mesmo tempo que transmite uma forma única de ser, esta mesma globalização não fornece meios para que grande parte da população consuma tais produtos propagandeados, como afirma Diógenes em seu trabalho:

*A cultura de massa, ao difundir-se por todos os pontos da rede social, realiza um duplo movimento: fala que todos podem ter tudo, e que ao “ter”, os indivíduos seriam reconhecidos como sujeitos sociais e depois nega quase tudo à grande maioria. (1998:44-45)*

Necessariamente ocorrerá dentro dessa trama um confronto entre produtores/consumidores e a crescente massa de excluídos, em que os desprovidos de recursos não se conformarão com a contrastante riqueza usufruída por uns poucos, como afirma Velho:

*A impossibilidade de acesso da grande maioria das camadas populares a bens e valores largamente publicizados, através da mídia e da cultura de massas em geral, acirra a tensão e o ódio sociais. (1996:19)*

## **Lei do Silêncio**

O medo entranhado no cotidiano dos moradores do Jacintinho, principalmente aqueles residentes nas grotas ou próximo a elas, deixa-os impotentes para reverter o quadro de violência instalado no bairro. Para eles, não há uma ação própria a ser realizada para libertá-los dos horrores desencadeados no seu dia-a-dia. Dessa forma, fecham-se numa redoma à espera de que algo solucione esses problemas, mas conscientes de que tal solução não se dará através dos seus esforços.

Esse pavor instalado entre os moradores tem como consequência a chamada “lei do silêncio”. Para eles, só resta garantir a sua sobrevivência, que pode se dar, acreditam, não se fazendo comentários sobre os acontecimentos ocorridos. Essa posição é tomada por existir um temor a represálias por parte dos denunciados. Segundo Edson, “a sociedade de um modo geral sabe disso, que quando bota a boca no trombone é morte, tudo”. Os depoimentos abaixo confirmam o medo que sentem ao realizar uma denúncia:

*Eu posso ver um cara roubando aqui na frente, se eu dizer eu cegue, sabe por quê? Mais tarde ele vai marcar a minha cara, vai contratar maconheiro e vai me matar. (Eliete)*

*(...) Eles matam um e outro, mas não, a gente não tem como dizer nada. O que eles fazem para lá a gente não tem nada que se envolver, mesmo a gente vendo, a gente não tem o direito de falar. (moradora próximo a grotta do Cigano)*

Um exemplo disso é Maria, moradora da grotta do Pau D'arco. Seu filho foi vítima da violência, assaltaram toda a roupa que ele vestia, e ela não realizou a denúncia, acreditando que “podia ficar pior”. Para Santos, do 5º Distrito, essa lei do silêncio imposta aos moradores complica muito as investigações. Como a polícia não tem um trabalho regular nas grotas, necessita das queixas das testemunhas para realizar seu trabalho.

*Não existe a denúncia. A polícia vai lá, investiga e não tem como provar. Quem vai entrar num negócio desse? Você ser testemunha de um negócio desse, ninguém quer ser testemunha.*

Entre os motivos que desestimulam a realização de denúncias, o principal consiste na falta de proteção a testemunhas. Ao falar, temem ser assassinadas, pois acreditam que o poder público não garante a sua sobrevivência. Afirmam que vários casos de agressões contra denunciante são repassados por toda mídia sem que se tome as devidas providências, deixando um sentimento de impunidade no ar. Isso pode ser percebido através da fala de Cícero:

*Se eu ver um mal feito lá eu não vou denunciar, porque se você falar a verdade morre. Nós estamos num país se quem falar a verdade morre[...]. Se você dizer eu vi, que segurança você tem?*

*Rosa ressalta também que muitos não fazem denúncias à polícia, porque têm seus filhos envolvidos em crimes.*

*Às vezes as pessoas não denunciam porque sabe que os próprios filhos estão envolvidos. Como aqui mesmo tem uma mulher que não denuncia porque o filho dela faz isso.*

## **Proteção**

Diante da avalanche de crimes ocorridos nas cidades, constantemente fugindo do controle do poder público representado aqui pela polícia, a população vem desenvolvendo estratégias de sobrevivência com intuito de livrar-se desse perigo chamado violência urbana. Como os moradores dos bairros têm um baixo poder aquisitivo, a violência não pode ser muito evitada, como acontece nos bairros de pessoas ricas, que utilizam esquemas de segurança sofisticados. Talvez o método utilizado por todos no Jacintinho, devido à falta de condições de se resguardar melhor, seja o fechamento de suas residências para isolar-se do mal

externo, mesmo acreditando que esse artifício não consegue eliminar por completo o acontecimento indesejado por todos.

A falta de segurança presenciada no bairro impõe o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência criadas pela população no próprio cotidiano da violência. O alto índice de criminalidade faz com que os moradores aprendam meios de se evitar que alguma coisa lhes aconteça, embora saibam que não sejam de todo eficientes. Para isso, recolhem-se mais cedo em suas casas, quebrando com isso o hábito de se “jogar conversa fora” entre os vizinhos, no horário noturno, algo tão praticado em anos anteriores; procuram não demonstrar que possuem alguma coisa de valor, algo que desperte o interesse de outros; no caso de morarem próximo às grotas procuram não fazer o seu percurso durante à noite; evitam passar em locais que sejam constantemente palcos de violência; e, finalmente, hoje em dia evitam confiar nas pessoas.

Edson, em seu depoimento, afirmou que atos de boa ação, como dar água a alguém dentro da sua casa, torna-se um perigo, pois a pessoa que solicitou pode estar querendo roubar alguma coisa. Assim, quebram-se os laços sociais entre os moradores das ruas, que têm evitado sair de casa. Entretanto, a grande fórmula para aqueles que moram em lugares com alto índice de violência parece ser a tentativa de se conviver amigavelmente com todos, inclusive os bandidos. Para eles, esses elementos considerados nocivos não costumam fazer nenhum mal para os moradores próximos a eles, bastando apenas falar com todos.

O afastamento por completo pode acarretar o ódio entre os discriminados, que podem se rebelar. Isso não significa que se deva ser amigo de todos, deve-se respeitar e procurar servir a todos e, principalmente, não se envolver nos acontecimentos. Os depoimentos a seguir reforçam a eficiência que tem a boa convivência no local de moradia, fornecendo assim uma alternativa de sobrevivência:

*Eu vou contar uma história: tinha um rapaz que pediu uma caixa de fósforo. O homem pegou e deu a caixa de fósforo e o homem foi fumar para lá. Depois o filho dele ia passando, aí disseram: “Vamos pegar aquele cara?”. Aí o rapaz disse: “Não, vamos pegar não que o pai daquele rapaz é uma pessoa boa”. (Daniela)*

*Eles respeitam bastante a gente. Se uma pessoa falar com eles, não fazem nada. Bastou falar com agressividade, eles podem pegar e fazer alguma coisa. (Rosa)*

*Tem que ser uma pessoa legal. Mesmo que a gente não goste da pessoa, a gente tem que falar, para saber que está falando, para não ser ruim mais do que já é. A gente tem que se comunicar com ele. Tem que conviver porque aqui ninguém é melhor do que ninguém”. (Elma).*

*Meu conhecimento, minha vivência. Dou atenção a todo mundo(...). Se passa algum tipo de querer fazer alguma coisa já não faz porque eu já ajudo de um lado. Chega algum aqui pede dinheiro da passagem, às vezes tem uma caixa de fósforo para acender um cigarro, eu vou e ajudo com um copo de água. (Cleber)*

Mesmo utilizando esses meios para não serem vítimas, os moradores sentem-se descrentes com relação ao fim da criminalidade. Não acreditam em qualquer força terrena capaz de livrar-lhes dessa crescente violência. Acreditam numa proteção definitiva através de Deus, mostrando assim a grande religiosidade entre os entrevistados, que dizem rezar todos os dias para não ser mais uma vítima.

*E eu que trabalho, me acordo 5 horas da manhã, puxo para dez horas da noite só com a segurança de Deus, porque qual a segurança que eu tenho aqui? (Adriano)*

*Às vezes eu acho que as coisas não aconteceram à gente pela nossa fé, pelo que a gente crê, porque um cadeado não protege ninguém. (Rosa)*

## **Eliminação dos criminosos**

O agravamento das ações violentas nas cidades tem gerado um sentimento de ojeriza por parte da população com relação ao sujeito praticante dos atos violentos. Com isso, passa-se a supor que o controle da violência deve ser buscado através da eliminação desses elementos, surgindo um desejo de retirá-los do convívio social. Desenvolve-se assim uma série de argumentações defendendo a instalação da pena de morte no Brasil, principalmente para os casos de crimes que consideram mais cruéis, como assalto à mão armada e estupro. Alguns depoimentos demonstram o grau de aversão sentido e a defesa de formas cruéis para suprimir aqueles desviantes das leis da sociedade:

*Eu sou contra a violência, mas pegava uma parte, aqueles mais perigosos, porque pegando aqueles mais perigosos, aqueles testas de ferro, como chama, é eliminar cada um que tivesse participação em determinada coisa, que fosse uns dez de cada um, e botasse para toda sociedade ver, o paredão ali mandava rachar. [...] Foge com você, deixa em determinado local, ainda deixa você pelada já para não sair na rua que a pessoa se acanha, isso é, quando não usa a pessoa e mata. Esse deveria ser morto, condenado, deveria ser esquartejado, pedaço por pedaço, morrer lentamente, cada dia cortar um pouquinho para sofrer. (Edson)*

*Eu acho que deveria ser como antigamente. Antigamente era assim: violentou alguma criança, aí tira a mão. (Rosângela)*

*Se tivesse essa lei no Brasil, melhorava muito, porque quem queria ficar sem o bicho? Quem queria ficar sem o braço? E sem a mão? (Rosa)*

*Para Moraes, as pessoas imediatamente relacionam a violência ao próprio bandido. Com isso, o fim da criminalidade, para elas certamente só se dará com a eliminação dos criminosos.*

*o símbolo mais vivo do crime é o próprio criminoso, e aí se inicia um processo de, consciente ou inconsciente, destruir o criminoso. (1981 :83)*

Talvez essas pessoas passem pelas mesmas situações que tornaram possíveis os criminosos, e no entanto elas não aderiram ao crime, acreditando, assim, que todos deveriam fazer o mesmo. Esse desejo de matar os criminosos é explicado pelos entrevistados através da ineficiência do sistema penitenciário. Muitos não acreditam que os bandidos fiquem presos por muito tempo, acham que logo serão soltos e praticarão os mesmos erros novamente. Existe também a descrença no serviço de advocacia: aqueles que têm recursos contratam advogados e logo são libertos, e a cadeia fica para os pobres.

Mesmo não existindo uma lei que permita eliminar pessoas ao cometerem crimes, na prática são percebidos sinais de sua existência no meio social. De acordo com Santos, a maioria das mortes ocorridas no Jacintinho é ocasionada por brigas entre galeras. Supondo que essas galeras são atores da criminalidade, significa que muitos perdem sua vida no dia-a-dia da violência. Isso sem falar de casos de policiais que utilizam práticas violentas para livrar-se desses segmentos marginalizados. Eliete chega a comentar sobre a existência desse tipo de policial no bairro, demonstrando que bandidos perdem suas vidas sem que, no entanto, a criminalidade diminua.

*Rapaz, eu acho que se existisse aquele delegado que matou várias pessoas [...]. Ele deu uma limpeza da poxa. Agora continuou. Se ele voltasse ele dava uma limpeza total. Quando amanhecia era três, quatro, com pneu na cara. Ninguém sabia quem era, mas foi uma limpeza total, foi uma limpeza geral e bem-feita.*

Esse desejo de instalação da pena de morte é menos uma crença de que ela seja eficiente do que um desejo de vingança e a vontade de retirar esses bandidos das relações sociais. Mesmo achando que muitos vão temer a morte ao praticar os crimes, sempre afirmam que no Brasil ela não funcionará decentemente, acreditando que recairá sobre os criminosos de menor recursos. Como afirma Elma, o rico sempre dá um jeito de escapar:

*Se existisse pena de morte, não sobrava para os ricos não, era para os pobres. Porque os ricos têm dinheiro para se defender e os pobres ficam para trás.*

Os entrevistados acreditam que se o bandido sabe que vai morrer ao cometer crimes, não fará mais coisas erradas, “porque ele já sabe que matou, morreu”, como afirmou Marcos. Elma também reforça esse argumento: “sabendo que tem pena de morte ele ia evitar matar, ele evitava roubar, ele evitava fazer coisa que não deve”. Entretanto costumam salientar que “onde morre um bandido aparece mais um bandido”, como afirmou José Marcos, ou então como disse Daniela, “aquilo vai nascendo, vai brotando. Quando mata um o outro já está esperando, nunca pára”.

Significa que a pena de morte não é solução para o problema da violência, já que continua nascendo mais criminosos. Edson afirma que o tráfico é um risco de vida, então significa que a pessoa ao adentrar nas malhas do crime já sabe que pode ser morto, mesmo que não exista lei. Marcos a confirma que a possibilidade da morte não impede a pessoa de praticar crimes.

*O bandido não tem amor à vida. Quando o bandido espera uma pessoa na estrada, que ele bota a faca na cara de um, um revólver em cima da pessoa, ele pode dar um tiro e receber um tiro também. Ele ali está para tudo. Quando ele vai assaltar um carro, qualquer coisa, ele tem dois pensamentos: ou morrer ou matar.*

## **Drogas**

Desde a sua origem, o Jacintinho sempre foi rotulado como um local difícil de se conviver. Dentre as dificuldades, a violência tem sempre papel destacado nas reclamações dos moradores. Antes, com o reduzido número de pessoas residentes, as ações violentas eram mais isoladas e se davam pela inexistência de subdelegacia, policiamento, enfim, de estrutura. O local também era aprazível para quem cometia crimes pela quantidade de mato existente, facilitando o esconderijo.

Muitos afirmam que as mortes eram ocasionadas mais pela quantidade de álcool ingerido. Hoje em dia, com o aumento da população, a violência entranhou-se no cotidiano das pessoas. Para os entrevistados, o grande mal que a tornou rotinizada é a circulação de drogas. Isso não é um fato peculiar ao bairro do Jacintinho, pois em muitos lugares várias pessoas perdem suas vidas no consumo ou tráfico de drogas.

Para os entrevistados, o consumo de droga tornou-se visível por todo o bairro, mas eles salientam a existência de uma concentração de consumidores nas grotas ao redor do bairro. A droga mais consumida é a maconha. Maria diz que na Pau D'arco, lugar onde mora, tem “fumador aí, que é de noite e de dia fica um campo cheio dos caras fumando, meio dia em ponto”. Rosa demonstra a nitidez quando fala que observa pessoas consumindo durante o dia, em locais e horários de fácil visão para as pessoas.

*Antigamente eles fumavam escondidos de uma forma que não tinha quem visse. Aí foi aumentando e agora à luz do dia você pode ver de monte. A polícia não está mais conseguindo manter.*

Se o consumo de drogas está alto, significa que alguém está repassando o produto. De acordo com as entrevistas, o bairro tornou-se um dos maiores pontos de tráfico, e mais uma vez as grotas são mencionadas com um “título” ruim, a de serem as maiores distribuidoras. Como explicação, mais uma vez é apontada a facilidade em se esconder. Para Eliete, as grotas são locais dos traficantes, da “boca de fumo”, que é “o financiador de maconha, aí distribui para os outros, vende”. Entender o crescimento das drogas requer seguir o mesmo percurso daqueles que passam a buscar sobrevivência nas formas ilegais.

O crescente desemprego ou os baixos salários impostos aos trabalhadores tornaram a venda de drogas uma alternativa para os moradores dos bairros de periferia. Insinua-se que para esse tráfico são construídas galeras responsáveis pela sua distribuição e Rosa informa como acontece esse tráfico no bairro:

*O tráfico dá mais dinheiro do que o trabalhador. Um saquinho de droga é cinco reais. Imagine, eles pegam dez quilo de maconha. Aquilo não dá nem cinco gramas. A maioria é pelo dinheiro. Tem uns que vendem e hoje tem casa e tiram a família para vender, para comprar, para repassar e para usar. Tem uns que roubam da família, compram a droga, tiram uma certa parte para seu uso e vendem a outra. Então cada coisinha daquela é cinco reais, imagine dez pacotinho daquele. Eles estão organizado, têm balança para fazer tudo certinho, têm os preços certos, sabem a quantidade de ficar, de vender para que isso possa dar lucro*

O alto consumo de droga tem desencadeado uma onda de violência que vem assustando os habitantes das cidades: ela ocasiona a morte de várias pessoas na briga pelos pontos de tráfico, muitos perdem suas vidas nas mãos de traficantes; a droga estimula a realização de pilhagem para manutenção do vício; constantemente ocorrem perseguições violentas entre policiais e traficantes; surgem desavenças nas famílias, etc. Tânia, que teve seu filho envolvido com drogas no Jacintinho, comenta as seqüelas deixadas no ambiente familiar:

*As drogas acarretam uma série de coisas: violência na família, violência de casa, violência entre eles, começa entre eles a revolta. Um homem drogado desconhece tudo, família, amigos.*

Entre os consumidores e distribuidores de drogas é citado o envolvimento de menores. Segundo a Delegacia especializada em infrações cometidas por crianças e adolescentes, muitos vendem a droga porque repassam dos traficantes. Entretanto, salientam que os seus ganhos são irrisórios. A quantia recebida depende da posição que se ocupa no tráfico. Acredita-se que muitos entram nesse mundo por curiosidade. Como afirma Edson, as más influências são o grande mal que faz as pessoas adentrarem no mundo das drogas:

*Se alguém chegar para mim fornecer para nós cinco, se nós baixarmos a cabeça e fechar os olhos, quer dizer é menos cinco. E se nós cinco aceitarmos nós ficamos seis, nós cinco e ele que ofereceu. Aí você vai repassar para o outro, ela vai repassar, termina acontecendo o quê? Você não é um viciado, você é um traficante.*

Entre as drogas não deve ser esquecida a quantidade de álcool ingerida pelas pessoas. De acordo com as entrevistas, nos bares e discotecas do Jacintinho é comum ocorrência de brigas e mortes estimuladas pela bebida. Esses locais são apontados também como pontos de tráfico da maconha. Por ser legalizado, o problema do álcool não se dá da mesma forma que os outros tipos de droga; mas quando usado em excesso, tem provocado mortes por motivos banais e principalmente deixado de lado os valores construídos pela sociedade. É comum, por exemplo, um matar o outro só porque olhou para a sua namorada, ou mesmo ocorrer assassinatos ou estupros entre famílias. Edson reforça o que o álcool vem provocando no bairro:

*E a cachaça de um modo geral, depois que a pessoa passa do seu limite de embriaguez, aí daqui para a frente o que acontecer com ele é graça. Bate na mãe, bate no irmão, quer ter relações sexuais com a irmã. Isso é o que mais acontece aí.*

## **Poder público**

Os problemas enfrentados pelas pessoas no Jacintinho parecem não contar com a ajuda daqueles que se encontram na esfera política. Entrevistados afirmam que o poder público não fornece meios de sobrevivência, e essa incapacidade em atender as necessidades da população é tida como uma das molas para o agravamento da criminalidade. Para eles, aqueles que comandam o Estado são os que deveriam conter a violência, citando-se como uma das principais medidas o aumento do policiamento. Mas acreditam que o Jacintinho, por ser um bairro pobre, é desviado das prioridades dos políticos. Esse sentimento de descaso pode ser percebido através das palavras de Adriano:

*A violência que tem aqui é o problema mais dos políticos que nunca se interessaram pelo bairro do Jacintinho. É um bairro pobre que os políticos nunca chegaram a dar valor.*

## **Formas de violência**

As formas de criminalidade presenciadas no Jacintinho são as mais variadas. Entre as mais citadas, os assassinatos têm sempre papel destacado nas reclamações dos entrevistados, matar uma outra pessoa é um tipo de crime que vem chocando e assustando toda a população do bairro. Os homicídios se dão por causa das brigas pelo tráfico, pelas constantes perseguições entre policiais e bandidos, pelo excesso na ingestão de álcool nos bares e discotecas ou mesmo dentro das próprias residências, pelas brigas corriqueiras entre vizinhos. O latrocínio também tem sido alvo das ênfases dos habitantes com relação à violência.

É cada vez maior o número de roubos seguidos de assassinato.<sup>6</sup> Um dos motivos mencionados para isso seria a reação das vítimas, já que nesse tipo de crime possivelmente não há premeditação. Eliete expressa a rotina de ser obrigada a conviver com os assassinatos:

*Rapaz, esse bairro aqui quase todo final de semana, quase todo dia mata um. Sábado mataram um pai de família. Um carro parou aqui na Grota do Cigano, matou o cara. Violência direto. Descobriram o rapaz e meteram o cacete.*

Apesar de as exposições não parecerem apresentar muito medo com relação aos assaltos, isso porque acreditam que por ser um bairro pobre o Jacintinho não se encaixa nas escolhas dos bandidos, a verdade é que os roubos têm sido cada vez mais frequentes. As principais vítimas têm sido os que possuem uma maior propriedade, como os donos dos estabelecimentos comerciais. Marcos, que possui uma venda, diz que chega ao ponto de não poder expor o dinheiro, pois certamente será roubado. Os locais mais citados de

---

<sup>6</sup> Na entrevista de Marcos, à página 10, é citado o caso do trabalhador que morreu no mercadinho, local onde trabalhava, após ter sido vítima de um assalto.

ocorrências de assaltos têm sido a rua principal, onde se instalou o comércio local, e a feirinha do bairro. Os principais agressores mencionados são os menores em busca de bolsas, carteiras, etc.

Corriqueiras também têm sido as trocas de tiros desencadeadas entre policiais e bandidos, especialmente nas grotas do bairro ou ao seu redor. Isso vem tornando os moradores vulneráveis a serem atingidos por uma bala. Essa situação é presenciada mais nesses locais, como já foi mencionado, por serem refúgios dos marginais. Edson fala de um dos “espetáculos” que já foi obrigado a presenciar:

*Se não me foge a memória, está com dois ou três anos eu acordei com um disparo aqui na rua. Levantei, abri a porta, aí tinha uma correria lá para o final da grotá, os bandidos na frente e a polícia atrás. Aí atiraram para o alto para ver se eles paravam. Não. Desceram, quando chegou lá os policiais não desciam. Quer dizer, desceram eles que já sabiam onde se intocar. Quando eles iam descendo, as casas iam apagando as luzes.*

Embora pouco mencionados, os estupros também vêm incomodando a população. Eliete afirmou ter sofrido uma tentativa na ladeira do Jacintinho, em que três homens desejavam ter relações sexuais com ela. No entanto, esse tipo de crime foi mais comentado nos casos em que houve uma maior quebra de valores. Os mais citados foram os estupros de filha pelo pai, de enteada pelo padrasto. Um exemplo dado foi um caso de uma senhora da terceira idade que foi violentada por três amigos do neto.

A quebra dos valores sociais tem se dado constantemente na rotina da violência. O bairro do Jacintinho é citado por Santos<sup>7</sup> como palco constante de brigas entre vizinhos, que muitas vezes levam a morte. A violência doméstica também é tida como um dos grandes problemas do bairro, sendo as crianças as principais vítimas. Entretanto, existem casos citados de filhos que batem ou matam seus próprios pais. Zaluar reforça o esfacelamento dos laços sociais como sendo um dos pontos para se entender essa onda da violência:

*[...] uma das variáveis fundamentais para se compreender a crescente violência da sociedade brasileira é não apenas a desigualdade social, mas o fato de esta ser acompanhada de um esvaziamento de conteúdos culturais, particularmente os éticos, no sistema de relações sociais. (1996:15-16)*

## **Armamento**

De acordo com Santos, as várias apreensões durante o seu trabalho no Jacintinho têm indicado um elevado número de pessoas retendo em seu poder armamento sem a devida documentação estabelecida por lei. Esse fato tem causado medo na população, por ela não saber a que fins serão destinados esses objetos. No bairro, acredita-se que essas armas concentrem-se entre aqueles que vivem na marginalidade. Mesmo apontadas como locais de pessoas sem recursos financeiros, as grotas são mencionadas,

---

<sup>7</sup> Policial do 5º Distrito, já citado anteriormente.

estranhamente, como o lugar que agrupa esse armamento. Segundo Fábio, “um cidadão desses que mora nessas favelas, nessas baixadas, os homens desses sempre têm um revólver”.

Acredita-se que muitos adquirem essas armas através de roubos ou comprando nas formas ilegais. Ao adentrar nas formas de pilhagem, esses objetos são necessários como instrumentos de trabalho a fim de intimidar as vítimas. Como existem a necessidade da compra e alguns empecilhos na obtenção das armas, forma-se um comércio clandestino. Em Maceió, como já foi citado, fala-se na feira do rato.

Sabe-se que esse armamento não se encontra apenas nas mãos de bandidos. Cidadãos aparentemente comuns vêm adquirindo armas constantemente, alegando a necessidade de defesa nessa onda de violência que se instalou. Dessa forma, aumenta cada vez mais o número de pessoas que cometem atos violentos que até então não acreditavam cometer. Tornam-se perigosos as discussões corriqueiras entre a população quando se têm nas mãos objetos ameaçadores. A ingestão de álcool e droga é apontada como estimuladora da violência. Dessa forma, o estar “esquentado” e armado impulsiona a realização de crimes. Cléber relata o que acredita ser a realidade do bairro:

*Ninguém é capaz de ver, mas 50% da população aqui no Jacintinho anda armada, eu acho. Sempre quando acontece esses delitos, essas coisas violentas, sempre dizem que usam para se defender.*

As entrevistas demonstram pessoas desejosas de que a população desarme-se, acreditando ser esse método uma forma de contenção da violência, ao mesmo tempo em que elas não dão crédito a qualquer fórmula destinada a esse fim, salientando que o desarmamento só atingirá pessoas comuns, enquanto a maioria dos bandidos continuará com esses objetos em seu poder.

## **Segurança no Jacintinho**

O Jacintinho, na sua origem, recebeu críticas por surgir sem nenhuma proteção que o livrasse da violência urbana. Hoje ele já conta com o 5º Distrito Policial, com uma Delegacia especializada em infrações cometidas por adolescentes e um PM BOX localizado na feirinha. Apesar dessa quantidade de amparo, a população sente-se mais insegura pela crescente violência instalada no bairro. Para ela, um dos métodos mais eficientes para combater esse mal seria o aumento de policiamento em circulação pela região, mas a quantidade e a eficiência existentes parece apontar para uma outra realidade. Segundo Marcos, “passa um carro da polícia aqui agora, o bandido já sabe que não passa mais, o bandido já fica vigiando a polícia”. Alguns salientam que essa restrição ocorre porque o Jacintinho concentra moradores pobres, o que não se verifica nos locais de gente rica. Outros apenas dizem que a violência está demais e que é difícil contê-la.

A falta de segurança é percebida, principalmente, dentro das grotas ou nas suas imediações. Elas foram apontadas como os locais mais violentos e também aqueles pelos quais a polícia menos circula, visitando-os somente quando ocorre algo de muito grave e se estiver com um grande contingente de policiais. Acredita-se que o motivo seja o medo dos policiais por causa das trocas de tiros com os bandidos.

Segundo Santos, não existem equipamentos suficientemente seguros que garantam a vida para quem vive nessa profissão. Para os moradores, a simples presença de um PM BOX, ou alguns policiais no lugar, amenizaria o problema.

Uma das grandes queixas da população é a demora do atendimento nas horas de necessidade. Quando ocorre algum caso, são solicitados os serviços dos policiais, mas ressalta-se que muitas vezes eles nem aparecem, e se chegam ao local o delito já tem ocorrido e os marginais ido embora. Em consonância com esses argumentos, dizem Cléber e Elma, respectivamente:

*Passa aqui quando a pessoa chama, como inclusive aconteceu um negócio aqui, nós chamamos, quando veio chegar o cara já tinha ido embora, já tinha ido para casa.*

*Aqui quando tem uma briga, telefona para a polícia, é duas horas depois. Já tem matado bem umas 500 pessoas e a polícia não vem. Falta muito policiamento aqui.*

Há também uma desconfiança de alguns com relação às pessoas que ocupam a corporação policial. Segundo Marcos, “a própria polícia faz coisa errada”. Recentemente, a população teve a revelação de membros encarregados da segurança envolvidos nas malhas do crime. Um dos exemplos disso foi o caso da “gangue fardada” em Alagoas. Outro problema é o abuso de autoridade da polícia, que, acreditam muitos, costuma receber propinas ou ajudar aqueles “amigos”, selecionando assim aqueles que serão presos e julgados. O desejo de muitos é ver os bandidos na cadeia, mas eles sabem que isso não acontece de uma forma geral. Por esse motivo, muitos crimes são cometidos porque se sabe que não haverá prisão. Essa crítica é direcionada para todas as pessoas responsáveis por manter a ordem, como afirma Edson:

*Se todo mundo, no caso assim: eu sou um policial, meu filho fosse um errado e eu fechasse os olhos, aí diminuiria. Mas se eu sou um policial, meu filho é um bandido, ‘não, eu sou filho de Edson, pode dar em mim não’. Aí eu ia lá com meus amigos, com o delegado, com o chefe da equipe, com o secretário, aí abafava, né? [...]. Tem polícia que respeita a sua função, não quer propina, não quer nada, trabalha direito. Se quer multar é um direito dele, se não quer é um direito dele também. Existe muito policial educado, que cumpre com seus deveres, mas tem uns que não.*

Apesar das críticas, muitos reconhecem a deficiência salarial por que passa um policial no seu ofício de trabalho. Pelos riscos constantes que por eles passam, seria mais correto uma recompensa maior.

## CONCLUSÃO

Cientes da vastidão de informações que ainda podem ser colhidas sobre o tema violência urbana, o presente trabalho pretendeu repassar apenas alguns dados preliminares sobre o assunto. Nesse sentido, ele não teve o objetivo de ser conclusivo, mas unicamente de apontar alguns pontos que julgamos importantes:

1) Dentro do Sistema Capitalista, problemas como a falta de emprego e a possível entrada de pessoas no mundo do crime não podem ser resolvidos por completo. Sendo o desemprego a alavanca do Capitalismo, alguns que não conseguem obter meios de sobrevivência nas formas legais podem passar a buscar alternativas na ilegalidade. Nesse sentido, na tentativa de adquirir mais lucro, o sistema fabrica um número expressivo de exército de reserva, produzindo, em consequência, cada vez mais marginais à medida que a crise se agrava.

2) O desemprego por si só não explica o aumento da criminalidade. Os baixos salários e as péssimas condições de trabalho adquiridos por muitos nas formas legais de produção levam muitos a acreditarem que os ganhos contraídos com a ilegalidade compensam mais.

3) O alarmante crescimento da criminalidade vem se concentrando nas grandes cidades no período em que elas passam por um processo de “inchação” decorrente do fluxo migratório. Maceió acolheu várias pessoas vítimas do êxodo rural na busca de oportunidades que lhes foram negadas nos seus municípios de origem. As migrações tendem a ser um fenômeno frustrante pelas também dificuldades de se conseguir trabalho.

4) O elevado número de pessoas para a capital alagoana provocou a formação de grandes bolsões de miséria, dentre eles se inclui o bairro do Jacintinho.

5) É nos bolsões de miséria das grandes cidades que vem se difundindo a existência de um cotidiano de violência. Tendo origem na formação urbana, as favelas são exemplos típicos das diversas formas e constância dos crimes, muitos deles ocasionados pelas dificuldades atravessadas por seus moradores, situação crítica decisiva no seu processo de formação. As grotas do Jacintinho são referências das péssimas condições de habitabilidade e “inchação” desenvolvidas no bairro. Isso não implica afirmar que todos os que convivem nesses locais tenham o hábito de realizar atos violentos e nem que todos os crimes são praticados por comunidades pobres. Significa dizer que esses lugares, nascidos do alargamento da miséria, geralmente condicionam à formação de práticas anti-sociais pela sua condição de exclusão no desenvolvimento urbano. Esses núcleos tendem a um movimento que vai de atitudes submissas a reações agressivas.

6) A questão da violência não se esgota no ponto da desigualdade. É visível no meio criminal a perda de valores obtidos pela sociedade, particularmente os éticos.

7) Locais como as grotas do Jacintinho são demarcados pela população como locais violentos, fundando um preconceito que chega a atingir boa parte dos moradores desses locais. Passando com isso a terem dificuldades de circulação na esfera pública.

8) A descrença nos órgãos públicos responsáveis pela segurança da população vem impondo a criação de novas formas de sobrevivência criadas pela própria população no cotidiano da violência. Com isso utiliza-se a proteção individual com o intuito de se preservarem as vidas e as propriedades, não se fazendo comentários sobre os acontecimentos, e pedindo-se a intervenção de Deus. Ou seja, os moradores não chegam a reivindicar uma segurança coletiva, levando com isso a violência para um plano individual.

9) O grande problema dos que preferiram enveredar para o caminho da marginalidade consiste em que o seu processo reivindicatório não chega a atingir a raiz dos fatores que o condicionaram a essas ações violentas. Pelo contrário, realizam práticas anti-sociais tendo como alvo as também vítimas desse sistema. Esses últimos, por sua vez, acreditam que a retirada do mal na sociedade se dará através da eliminação dos elementos perniciosos, passando então a fazer justiça com as próprias mãos, ou a apoiar atos de qualquer pessoa que leve à morte de um bandido. Nesse sentido, percebe-se que o Capitalismo provoca uma guerra entre as suas próprias vítimas.